

**FACULDADES EST**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TEOLOGIA**

JOSÉ MAURÍCIO PEREIRA DE OLIVEIRA

CONSUMO ÉTICO E SUSTENTABILIDADE:  
UMA POSTURA A SER ADOTADA A PARTIR DA EDUCAÇÃO AMBIENTAL

São Leopoldo

2014

JOSÉ MAURÍCIO PEREIRA DE OLIVEIRA

CONSUMO ÉTICO E SUSTENTABILIDADE:  
UMA POSTURA A SER ADOTADA A PARTIR DA EDUCAÇÃO AMBIENTAL

Dissertação de Mestrado  
Para obtenção do grau de  
Mestre em Teologia  
Faculdades EST  
Programa de Pós-Graduação em Teologia  
Área de concentração: Ética e Gestão

Orientador: Valério Guilherme Schaper

São Leopoldo

2014

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

O48c Oliveira, José Maurício Pereira de  
Consumo ético e sustentabilidade: uma postura a ser adotada a partir da educação ambiental / José Maurício Pereira de Oliveira ; orientador Valério Guilherme Schaper. – São Leopoldo : EST/PPG, 2014.  
86 p. : il. ; 30 cm

Dissertação (mestrado) – Faculdades EST. Programa de Pós-Graduação. Mestrado em Teologia. São Leopoldo, 2014.

1. Educação ambiental. 2. Sustentabilidade. 3. Consumo (Economia) – Aspectos morais e éticos. 4. Ética ambiental. I. Schaper, Valério Guilherme. II. Título.

JOSÉ MAURÍCIO PEREIRA DE OLIVEIRA

CONSUMO ÉTICO E SUSTENTABILIDADE:  
UMA POSTURA A SER ADOTADA A PARTIR DA EDUCAÇÃO AMBIENTAL

Dissertação de Mestrado  
Para obtenção do grau de  
Mestre em Teologia  
Faculdades EST  
Programa de Pós-Graduação em Teologia  
Área de concentração: Ética e Gestão

Data: 01 de dezembro de 2014

---

Prof. Dr. Valério Guilherme Schaper – Doutor em Teologia – EST

---

Prof. Dr. Roberto Ervino Zwestch – Doutor em Teologia – EST



## **AGRADECIMENTOS**

A Deus e a Espiritualidade que me deu e sustenta a Vida.

A minha esposa Emanuela Galvão, pelo apoio e compreensão nesta caminhada de dois anos de Mestrado vencidos.

A meus filhos Maria Eduarda e Luís Eduardo, pela compreensão de ter o pai distante neste período.

A meu pai e minha mãe que me ensinaram a acreditar que o sonho é realizável.

Minha gratidão ao amigo Flávio Martins pelas indicações e sugestões de músicas.

Agradeço também ao Prof. Valério pela orientação e pelo incentivo para que possamos avançar nas lutas futuras. Ao Prof. Roberto pelas orientações e correções propostas.

Agradeço muito aos Amigos Benedito, Joaquim, João, Arimatéia, Josafá e tantos outros.



## RESUMO

Esta dissertação faz uma reflexão sobre alguns aspectos do atual período da globalização, que foi denominado como a era da bagaceira, termo usado para caracterizar os desmandos e desatinos causados por graves problemas que vem acontecendo nas últimas décadas. Analisa o consumo ético como uma postura que cada indivíduo pode adotar para contribuir com a sustentabilidade do planeta. Tem como base de análise a cadeia produtiva do caranguejo na região do Delta do Rio Parnaíba PI e MA e a implantação de uma educação ambiental pautada em alguns princípios éticos como possibilidade de se desenvolver esta postura e não deixar a sustentabilidade se tornar mais uma falácia mercadológica perante tanto consumismo.

**Palavras-chave:** Bagaceira. Consumo Ético. Sustentabilidade. Consumismo.



## **ABSTRACT**

This thesis reflects on some aspects of the current period of globalization which has been called the era of foolery, term used to characterize the excesses and follies caused by serious problems which have been happening in the last decades. It analyzes ethical consumption as an attitude which each individual can adopt to contribute to the sustainability of the planet. Its base for analysis is the lobster production chain in the region of the Paranaíba River Delta of PI and MA and the implantations of an environmental education based on some ethical principles as a possibility for developing this attitude and not permitting that sustainability becomes another market fallacy faced with so much consumerism.

**Keywords:** Foolery. Ethical Consumption. Sustainability. Consumerism.



## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	<b>13</b>
<b>1 A ERA DA BAGACEIRA: GRAVES PROBLEMAS ATUAIS</b> .....	<b>15</b>
1.1 O desemprego .....	19
1.2 Movimentos migratórios.....	20
1.3 Do consumo ao consumismo.....	26
1.4 As consequências da sociedade de consumo .....	30
<b>2 CONSUMO E SUSTENTABILIDADE: UMA LUTA DE CONTRÁRIOS</b> .....	<b>35</b>
2.1 Consumo Consciente.....	35
2.2 A Sustentabilidade virou mercadoria? .....	39
2.3 Princípios éticos, consumo consciente e sustentabilidade .....	45
<b>3 QUEM ANDA PARA TRÁS É CARANGUEJO OU SOMOS NÓS?</b> .....	<b>57</b>
3.1 Cadeia produtiva do caranguejo e o seu catador: Quanta dor!.....	57
3.2 Sustentabilidade local ou princípio do fim? .....	63
3.3 Sustentabilidade e saberes locais.....	67
3.3.1 O defeso .....	68
3.3.2 Saberes, fazeres e sabores locais.....	69
3.3.3 Educação “na” e “para” Sustentabilidade.....	74
<b>CONCLUSÃO</b> .....	<b>81</b>
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	<b>83</b>



## INTRODUÇÃO

O presente estudo consiste no trabalho final de mestrado profissional para obtenção do grau de Mestre em Teologia no Programa de Pós-Graduação da Escola Superior de Teologia em São Leopoldo/RS, inserindo-se na linha de pesquisa: Ética e Gestão. O trabalho é um estudo documental, de cunho qualitativo e teórico. Foram analisados livros, revistas, materiais de fonte eletrônica, vídeos e documentários, os quais compõem a base teórica de análise da pesquisa.

O objetivo da pesquisa é apresentar o consumo ético como uma postura que pode se desenvolver a partir da educação ambiental como uma alternativa capaz de contribuir para a sustentabilidade.

No primeiro capítulo analisa-se o atual período da globalização como uma era de muitos conflitos e conturbações em várias partes do mundo, destacando problemas relacionados ao desemprego, aos movimentos migratórios e ao consumismo.

No segundo capítulo faz-se uma relação entre o consumo e a sustentabilidade, enfatizando-se que só é possível sustentabilidade se este consumo for fruto de uma consciência que se forma a partir de princípios éticos, tornando-se um consumo ético e consciente.

Já no terceiro capítulo é feita uma análise da cadeia produtiva do caranguejo na região do delta do rio Parnaíba, no litoral do Piauí e Maranhão, enfocando a exploração predatória e a situação do catador como fatores de insustentabilidade. Aponta-se também para formas de mitigar os danos, como a implantação do defeso e de algumas medidas adotadas pelos órgãos competentes tais como: maneiras de extração, transporte e acondicionamento do caranguejo. E por fim, destaca-se, como forma de promover a sustentabilidade, o aproveitamento e a valorização dos saberes tradicionais locais através de uma educação ambiental pautada “na” e “para” a sustentabilidade.



## 1 A ERA DA BAGACEIRA: GRAVES PROBLEMAS ATUAIS

### INCERTEZAS

O futuro é o que temos de certo  
E o presente é nossa herança do passado  
Um pobre feito por nós indigente  
Fruto do nosso descaso  
Incerto de nossos destinos  
Caminho de olhos vendados  
Buscando encontrar-me no mundo  
Sem ser por ele tragado....

(José Mauricio)

É perceptível o sentimento de incertezas que envolvem a sociedade atual. “Numa sociedade líquido-moderna, as realizações individuais não podem solidificar-se em posses permanentes porque, em um piscar de olhos, os ativos se transformam em passivos, e as capacidades, em incapacidades”.<sup>1</sup> Faremos uma breve retrospectiva de alguns fatos e acontecimentos dos últimos 20 anos (1994-2014) que selecionamos como relevantes para refletir sobre a situação vivida na sociedade atual. O momento atual nos aparece pintado com tintas opacas e desbotadas, com a pinta de um boêmio falido, que ainda galanteia com suas velhas cantadas aquelas donzelas desiludidas, ainda a espera de um príncipe.

Analisamos o momento atual como o ápice de acontecimentos elaborados por uma lógica global arquitetada para funcionar independente da vontade ou da consciência da grande maioria dos indivíduos que, ingênuos ou alienados, são seus agentes defensores. Um momento que faz do mundo uma vedete, simples objeto de desejo, usura e nos obriga a acreditar que sua forma de existir é muito natural.

De fato, se desejamos escapar à crença de que esse mundo assim apresentado é verdadeiro, e não queremos admitir a permanência de sua percepção enganosa, devemos considerar a existência de pelo menos três mundos num só. O primeiro seria o mundo tal como nos fazem vê-lo: a globalização como fábula; o segundo seria o mundo tal como ele é: a globalização como perversidade; e o terceiro o mundo como ele pode ser: uma outra globalização.<sup>2</sup>

Com enfoque no que Milton Santos chama de segundo mundo, ou o mundo como ele é: a globalização como perversidade, citamos alguns acontecimentos para

<sup>1</sup> BAUMAN, Zygmunt. *Vida Líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2007. p. 7.

<sup>2</sup> SANTOS, Milton. *Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal*. São Paulo: Record, 2000. p. 9.

exemplificar este período perverso, que ironicamente qualificamos como Era da Bagaceira<sup>3</sup>, termo que, segundo Aurélio, significa: lugar onde se junta o bagaço da uva ou da cana. Deriva de baga+-aço, o resíduo de frutas ou de outras substâncias depois de extraído o suco. Analogicamente é isso que parece estar acontecendo nas diversas sociedades e principalmente nas regiões mais pobres do mundo. Os indivíduos já foram sugados, macerados, além de explorados e, agora estão amontoados em um lugar qualquer, uma bagaceira humana. O termo bagaço tem um sentido especialmente forte no nordeste brasileiro por conta do processo passado e presente ligado a cana de açúcar: açúcar para exportação e, agora, o etanol. Não só fica para trás o bagaço. A plantação e colheita da cana é uma experiência das mais desumanas.

Na verdade, a produção de cana-de-açúcar teve um papel importante para a consolidação da economia brasileira em vários momentos da história. Ainda na era colonial, por exemplo, o plantio desse produto tornou-se uma das fontes de maior riqueza da região. Daquela época até os nossos dias, as lavouras de cana passaram por momentos de crise econômica em função da concorrência estabelecida com os demais produtos agrícolas. Mesmo assim, a cana figura como a base da economia nordestina em meados no século XX e ainda hoje rende lucros consideráveis às usinas açucareiras.<sup>4</sup>

A monocultura da cana está na base de nossa economia até hoje, servindo de fonte de riqueza às elites econômicas. Apoiada em um processo de sofrimento que vem desde a escravidão indígena e africana até a escravidão feita aos “boias frias” cortadores de cana, gerando um rastro de miséria em todas as épocas. A quantidade de refugo, representada pelo bagaço, pelo vinhoto, pontas e folhas pode ser revertida em tecnologias para mitigar os estragos históricos e as dívidas sociais produzidas por esta atividade.

A bagaceira humana não é algo novo. Qualquer sistema opressor é uma fábrica de desumanidade. A bagaceira atual é uma denominação cultural, regional, periférica, que damos à globalização dos resíduos em seu sentido mais amplo. A globalização é de certa forma, o ápice do processo de internacionalização do mundo

---

<sup>3</sup> FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Mini Aurélio: o dicionário da língua portuguesa*. 8. ed. Curitiba: Positivo, 2010. p. 86.

<sup>4</sup> PINHEIRO, André. A Dimensão Social do Canavial na Poesia de João Cabral de Melo Neto. In: *Revista Eletrônica de Estudos Literários (REEL)*. Vitória, s. 2, ano 7, n. 8, 2011. Disponível em: <<http://periodicos.ufes.br/reel/article/view/3684>>. Acesso em: 29 abr. 2014.

capitalista.<sup>5</sup> O sentido que nos faz adotar este conceito tem uma aproximação com o que Bauman compreende a respeito deste período. Para ele, o significado mais profundo transmitido pela ideia da globalização “é o do caráter indeterminado, indisciplinado e de autopropulsão dos assuntos mundiais; a ausência de um centro, de um painel de controle, de uma comissão diretora, de um gabinete administrativo”.<sup>6</sup>

Em 1989 uma reunião, organizada pelo Instituto Internacional de Economia em Washington, propôs-se reformas para que os países da América Latina retornassem à trilha do crescimento e do desenvolvimento. Nascia aí o “Consenso de Washington”. As decisões tomadas nesta reunião passaram a ser implantadas em vários países, afetando diretamente os mais pobres e excluídos que dependiam de políticas estatais que, de certo modo, atravancavam, isto é, atrapalhavam o lucro e o avanço das transnacionais. Com o discurso de desenvolvimento e de inovações tecnológicas foi implantada uma série de medidas em prol de grandes grupos empresariais:

Uma espécie de bula com prescrições consensuais, austeridade fiscal, elevação de impostos, juros altos para atrair investimentos estrangeiros, privatizações. Em nome da boa administração do setor privado e da incapacidade dos estados. Na América Latina o consenso de Washington representa um fruto envenenado.<sup>7</sup>

Essas medidas não estavam voltadas para beneficiar os países alvos e sim para atender aos interesses dos países desenvolvidos, industrializados, e com isso as crises surgiram e se agravaram, acentuando rebeliões populares contra as medidas tomadas. As economias destes países foram desestruturadas pelas importações, privatizações e desregulamentação de muitos serviços estatais. Foi implantado o neoliberalismo que “se caracteriza por pregar que o Estado intervenha o mínimo na economia, mantenha a regulamentação das atividades econômicas privadas num mínimo e deixar agir livremente os mecanismos do mercado”.<sup>8</sup>

---

<sup>5</sup> SANTOS, 2000, p. 12.

<sup>6</sup> BAUMAN, Zygmunt. *Globalização: as consequências humanas*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1999. p. 66.

<sup>7</sup> ENCONTRO com Milton Santos – *O mundo Global visto do lado de cá*. Direção Silvio Tendler. Brasil 2006. Duração 89 min. Disponível em: <[http://www.youtube.com/watch?v=UUB5DW\\_mnM&hd=1](http://www.youtube.com/watch?v=UUB5DW_mnM&hd=1)>. Acesso em: 27 jan. 2014. Mi. 11:50 a min. 12:35.

<sup>8</sup> GENTILI, Pablo; SILVA, Tomaz Tadeu da (Orgs.). *Neoliberalismo, qualidade total na Educação*. 6ª ed. Petrópolis: Vozes, 1998. p. 26.

Uma série de manifestações começa a ocorrer como reação à política neoliberal. A América Latina, que já tem essa denominação devido ao processo de colonização de exploração desde as grandes navegações, passa a ser o alvo predileto da nova onda exploratória. As reformas propostas pelos neoliberais, detentores de um punhado de empresas, passam a afetar milhares de pessoas, não só nos países pobres, mas até mesmo nos países de economia clássica. Citaremos alguns exemplos de fatos que estão relacionados com esta ideologia:

No Equador, país com 25 por cento de índios e 50 por cento de mestiços, o movimento indígena Pachacut comanda a revolta. A crise se torna aguda com os programas de privatizações e extinção de serviços estatais. Em janeiro de 2000 a completa dolarização da economia provoca um grave levante popular que termina quinze dias depois com a queda do presidente.<sup>9</sup>

As lutas travadas por uma população são motivadas, geralmente, por situações que afetam diretamente sua dignidade e são provocadas pela conivência de seus governantes com situações que lhes permite tirar vantagens pessoais em detrimento dos interesses do povo.

Em 2000, na Bolívia, o governo, pressionado pelo FMI e pelo Banco Mundial, privatizou a água potável na região de Cochabamba. A resposta popular de uma sociedade formada por 70 por cento de índios e mestiços explodiu em gigantescas rebeliões comandadas por movimentos populares autônomos.<sup>10</sup>

O povo saiu pelas ruas e entrou em fúria. A reação do governo foi forte e chegou ao absurdo de matar seu próprio povo para defender os interesses estrangeiros, mas foi obrigado a desprivatizar a água. De setembro a dezembro de 2000 mais de setenta pessoas morreram na luta pela nacionalização do gás e petróleo na Bolívia.<sup>11</sup>

A política neoliberal saiu implantando suas garras sem se preocupar com os resultados de suas ações sobre os territórios a serem explorados:

Na Argentina as privatizações e abertura da economia levaram a uma quebradeira total do país. Fábricas fecharam, empreendimentos foram abandonados, trabalhadores converteram-se em cartoneiros catadores de papel. O pânico no final de 2001 que derrubou três presidentes da

---

<sup>9</sup> Encontro com Milton Santos, min. 12:23 a min. 12:33.

<sup>10</sup> Encontro com Milton Santos, min. 12:36 a min. 12:57.

<sup>11</sup> Encontro com Milton Santos, min. 14:13 a min. 15:42.

república em duas semanas levou às ruas cidadãos da classe média que, da noite para o dia, pela dolarização da economia, tornaram-se os novos pobres do país.<sup>12</sup>

### 1.1 O desemprego

O desemprego é uma das muitas consequências da implantação das grandes empresas. Grandes arautos da globalização e os aparelhos do estado pregam que o desemprego é uma prerrogativa para se chegar a mais globalização.

Hoje, no lugar das enormes corporações do passado, com milhares de operários, produzindo desde a matéria prima aos produtos finais, verticalmente estruturados, com suas imensas redes burocratizadas, faz-se a descentralização do processo produtivo.<sup>13</sup> A produção deixa de ser a prioridade e dá lugar à especulação financeira e o capital se tornou um produto especulativo, migrando de uma economia para outra em busca de melhores ganhos. A grande quantidade de pessoas nas filas para tentar uma vaga no mercado de trabalho vem se alastrando por vários lugares do mundo. É algo normal a situação de desempregado, o subemprego e a marginalidade.

A fila na Marquês de Sapucaí no Rio de Janeiro em 2003 não é para assistir nenhum desfile de escola de samba, mas simplesmente para conquistar uma vaga para gari da empresa pública de coleta de lixo da cidade. A abertura dos portões revela a angústia dos que lutam por um emprego estável e seguro nesta globalização. Onde os de baixo, a cada dia que passa, trabalham mais com menos direitos.<sup>14</sup>

O fato acima chega a ser cômico e irônico. No lugar do desfile da beleza, do samba, o povo dança o samba da globalização, buscando um emprego público. O estado tem que pagar a conta do desemprego. A globalização vem causando desemprego também nos países ricos: “em quinze de setembro de 2008 com a falência de bancos e de agências de seguros, gerando uma recessão e muito desemprego em todo o mundo”.<sup>15</sup> A situação vem se alastrando como se fosse uma resposta consequente das ações implantadas anteriormente para tirar proveito do sistema produtivo que vem esgotando os recursos naturais. A quebradeira dos

<sup>12</sup> Encontro com Milton Santos, min. 16:37 a min. 12:52.

<sup>13</sup> OLIVEIRA, Manfredo Araújo de. *Desafios Éticos da Globalização*. São Paulo: Paulinas 2001. p. 84.

<sup>14</sup> Encontro com Milton Santos, min. 23:00 a min. 23:23.

<sup>15</sup> TRABALHO *Interno* (INSIDE JOB). Direção: Charles Ferguson, Roteiro: Adam Bolt, Chad Beck. Produção: Audrey Marrs, Charles Ferguson; Fotografia: Kalyanee Mam, Svetlana Cvetko; Trilha Sonora: Alex Heffes, EUA, 2010. 109 min.

estados leva as economias desenvolvidas a provar do próprio veneno como uma reação às políticas neoliberais.

Bruxelas, 12 nov de 2012 (Lusa) – Vinte países europeus, entre os quais Portugal, vão se juntar na quarta-feira (14), à jornada de luta europeia contra a austeridade e a favor do emprego. Eventos incluirão greves, manifestações, ações de protesto e reuniões em várias cidades. A jornada europeia de ação e solidariedade, organizada pela Confederação Europeia dos Sindicatos (CES), tem como lema “Pelo emprego e a solidariedade na Europa, não à austeridade” e vai mobilizar cerca de 40 organizações sindicais.<sup>16</sup>

Crises nas economias ricas alastram-se, causando recessão, desemprego, migrações de mão de obra. Problemas semelhantes aos que sempre ocorreram nos países pobres. São situações semelhantes em mundos diferentes. As regiões pobres mais pobres e as ricas tentando manter suas estabilidades com sérias dificuldades e no meio dos dois estão os países que foram classificados como economias emergentes. Para onde correm os grandes conglomerados como sanguessugas com sua sede de lucro. A globalização realmente estreita as distâncias. E um neoextrativismo<sup>17</sup> se instala sorrateiro e descaradamente exaurindo as últimas fontes de renda dos mais humildes restando a estes a migração, que ironicamente, parece ser o novo vetor de aproximação dos povos.

## 1.2 Movimentos migratórios

O contato cultural está acontecendo de qualquer forma. Enquanto o africano migra para a Europa à procura de empregos de baixa qualificação, o europeu migra para os países emergentes em busca de melhores salários para sua alta qualificação. A globalização une os povos. Cada um provando o sabor da cultura do outro. Porém, ser um imigrante subdesenvolvido nos países ricos não é uma boa coisa para os nativos destes.

A vida de muitos europeus, talvez da maioria, hoje é vivida numa diáspora – de que alcance e em que direção(ões)? – ou entre diásporas – de que

---

<sup>16</sup> VINTE Países europeus terão protestos na quarta-feira. Disponível em: <[www.ebc.com.br/noticias/internacional/2012/11/](http://www.ebc.com.br/noticias/internacional/2012/11/)>. Acesso em: 18 fev. 2014.

<sup>17</sup> COMPOSTO, Claudia. *Acumulación por despojo y neoextractivismo en América Latina. Una reflexión crítica acerca del estado y los movimientos sócio-ambientales en el nuevo siglo*. Disponível em: <<http://revistas.unc.edu.ar/index.php/astrolabio/article/view/767>>. Acesso em: 06 nov. 2014.

alcance e em que direção(ões)? Pela primeira vez a “arte de conviver com a diferença” tornou-se um problema cotidiano.<sup>18</sup>

A imigração é um aspecto que vem causando muito incômodo e desconforto aos países ricos, principalmente a imigração de povos africanos para a Europa e mexicanos para os Estados Unidos. Problemas graves como a xenofobia deixam aflorar posturas atávicas que fogem da lógica e afetam em muito a ética “cristã” de amor ao próximo (Mt 22, 39). Coisas e mercadorias tem muito mais valor que pessoas. “Os muros da internacional capitalista são sólidos e bem delineados. Enquanto permitem a circulação livre das mercadorias, dinheiro e serviços proíbem o livre tráfego de indivíduos”.<sup>19</sup> Os desvalidos que fogem da miséria material caem de bruços na miséria moral do preconceito e do desprezo humano, materializada em barreiras físicas e bem mais sólidas que as estruturas dos muros de concreto.

A Europa levanta barreiras indesejadas aos forasteiros em seu território. Refugiados geralmente ficam no meio do caminho sucumbindo de sede no deserto, afogados no Mediterrâneo, enquanto seus barcos precários naufragam. São ainda explorados pela máfia que os transporta clandestinos e perigosamente. Os clandestinos são presos e recambiados para seus países. Os descendentes dos povos escravizados pelo colonialismo são excluídos do banquete da globalização [...]. Nos Estados Unidos, saltar cercas, cruzar rios ou atravessar desertos para vencer os muros que separam a fome do emprego, pode provocar muito mais que ferimentos. Pode provocar a prisão ou a morte.<sup>20</sup>

Em nome da manutenção do status e da “bela” situação que os países europeus mantêm e do fascínio que impõem sobre o mundo pobre, receber entre os seus nativos os povos africanos, por exemplo, é uma situação no mínimo incômoda. Enquanto o povo pobre migra para sobreviver de empregos rejeitados pelos nativos, a situação é tolerável. Porém diante da iminente situação de recessão e crise em que o europeu vê seu padrão despencar a ponto de precisar concorrer com imigrante, a situação entra no âmbito do inaceitável. São tomadas medidas diversas para barrar a entrada de imigrantes a qualquer custo.

Grécia, Itália e Espanha, três dos principais países do sul da União Europeia, registraram uma queda de quase 50% nas solicitações de asilo entre os anos de 2008 e 2012. Segundo dados fornecidos pela ACNUR (Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados), os três países receberam 54.720 pedidos de asilo em 2008 e apenas 27.870 em 2012,

<sup>18</sup> BAUMAN, Zygmunt. *A Cultura no mundo líquido moderno*. 1ª ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2013. p. 38.

<sup>19</sup> Encontro com Milton Santos, (31:31 – 31:43min).

<sup>20</sup> Encontro com Milton Santos, (31:35 – 33:39min).

último ano cujos dados estão disponíveis. No mesmo período, o total de solicitações nos 27 países da União Europeia passou de 239.150 a 296.690, um aumento de 24 por cento.<sup>21</sup>

Estas medidas só aumentam o número de mortos, pois os pedidos são negados quando os refugiados já estão no meio do caminho. Preferindo seguir viagem correm todos os riscos possíveis para atingir os países mais próximos de onde já estão, seja Itália, Grécia ou Espanha. É o que podemos analisar através de várias reportagens:

À medida que se está priorizando o controle de fronteiras à frente da defesa dos direitos humanos, as políticas destes países se converteram em políticas do sul da Europa porque estão utilizando todas as forças para blindar a Europa. Por isso, as fronteiras estão blindadas e isto impede o acesso dos refugiados ao procedimento de asilo e proteção internacional, afirma Estrella Galán, secretária-geral da CEAR (Comissão Espanhola de Ajuda aos Refugiados).<sup>22</sup>

A globalização prega liberação das fronteiras, integralização das economias o fim das barreiras. O anseio de um mundo unificado começa a se concretizar com a queda do muro de Berlim. A vergonha mundial, o muro que dividia o mundo em dois sistemas. Parecia que sua queda era o fim das divisões. Nascia a globalização atual, a expansão das tecnologias, o avanço da ciência, a expansão da beleza do mundo rico para todos. Porém os pobres acreditaram tanto que tentaram ver de perto como era o lugar da beleza globalizada. Levas de subdesenvolvidos migram para a Europa e Estados Unidos ou para as regiões mais ricas e de melhores oportunidades dentro de seus próprios países. Porém deram de cara nos muros, os novos muros, bem mais largos que o de Berlim, e são muitos e se proliferam. A União Europeia protestou contra este mundo dividido. “O bloco é contra os muros porque esses grandes complexos confederados, como também a globalização, baseiam-se na filosofia de um mundo fluído, aberto, sem fronteiras”.<sup>23</sup> Porém o que se vê é o inverso, parece que o protesto feito pela União Europeia não surtiu efeito e a realidade é outra, pois esta não obedeceu à filosofia do bloco.

Jamais se construiu tantos muros no mundo. A lista é longa. Temos o longo muro entre EUA e México. A África do Sul, depois da sua independência,

<sup>21</sup> GRECIA, *Itália e Espanha tem pedidos de asilo reduzidos pela metade em 5 anos*. Disponível em: <<http://operamundi.uol.com.br/conteudo/reportagens/33932>>. Acesso em: 14 fev. 2014.

<sup>22</sup> GRECIA, *Itália e Espanha tem pedidos de asilo reduzidos pela metade em 5 anos*, 2014.

<sup>23</sup> EUROPA *constrói muros para barrar imigrantes*. Disponível em: <<http://www.estadao.com.br/noticias/impresso,663844,0.htm>>. Acesso em: 15 fev. 2014.

erigiu um labirinto de pequenos muros no seu interior, nos bairros perigosos, e também um outro grande que a protege do Zimbábue. A Arábia Saudita também já construiu inúmeros paredões de cimento na sua fronteira com o Iêmen. A Índia é especializada em muros, construídos nas suas fronteiras com o Paquistão, Bangladesh e Mianmar. Impossível enumerar todos: alguns começam a surgir entre Irã e Paquistão. A China erigiu um na sua fronteira com a Coreia do Norte. E há projetos de outros muros, como um a ser construído por Israel na sua fronteira com o Egito.<sup>24</sup>

Não se viu tantas manifestações de segregações como se veem agora, as desigualdades sócioeconômicas são características marcantes dos países subdesenvolvidos. As classes sociais, as casas, os condomínios e etc, são segregados por muros. O muro é algo corriqueiro e não faz mais vergonha. É normal e absurdamente admissível e fortemente defendido.

E quando os Estados europeus tentam estabelecer as suas fronteiras “continentais” comuns e, para mantê-las, contratam guardas fortemente armados, ao lado de agentes alfandegários e de imigração, percebem que é impossível lacrá-las, torná-las estanques e impermeáveis. Qualquer linha que circunscreva a Europa será um desafio para o restante do planeta e um convite permanente à transgressão.<sup>25</sup>

A situação dos povos migrantes de origem subdesenvolvida em países ricos é de difícil aceitação. Os conflitos são quase que iminentes e os espaços bem delimitados. As dificuldades são dos dois lados, pois para os que chegam tudo é móvel e depende de adaptação. Para os nativos é complicado dividir o que é seu, coabitar espaços antes exclusivos com os estrangeiros é sentir-se violado.

Os imigrantes não têm escolha senão aceitar o destino de ser “minorias étnicas” no país que os recebeu; para os nativos, nada a fazer senão preparar-se para viver cercados de diásporas. Espera-se tanto de uns quanto de outros, que encontrem maneiras de lidar com realidades desfavoráveis, sobre as quais não tem controle.<sup>26</sup>

Os governos criam políticas de incentivo ao turismo, aos negócios e voltadas para atrair todo tipo de investimento. Dentro das economias ricas estas políticas são estimuladas e propagadas aos quatro cantos do mundo. A imagem de boa situação econômica é sempre mantida pelas economias ricas. Raramente um europeu fala mal de seu país de origem, embora sendo um imigrante bem recebido, diga-se de passagem, nos países pobres.

<sup>24</sup> EUROPA *constrói muros para barrar imigrantes*, 2014.

<sup>25</sup> BAUMAN, Zygmunt. *Europa: uma aventura inacabada*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006. p. 12.

<sup>26</sup> BAUMAN, 2013, p. 41.

Os políticos e os advogados por eles contratados fazem o possível para traçar uma linha entre a livre passagem de capital, moedas, investimentos (assim como dos bem-vindos homens de negócio que vêm na sua esteira) e os imigrantes em busca de emprego, em relação aos quais eles demonstram indisfarçável animosidade, competindo exitosamente, nesse aspecto, com seu eleitorado; contudo, esse tipo de linha não é fácil de traçar, que dirá de fortalecer e tornar impenetrável.<sup>27</sup>

Os países ricos estão fazendo de tudo para fortalecer seus estados, estado limitado pelo neoliberalismo é só para os outros. Quem pode, controla sua economia. As suas ações são de mais acumulação e todos os esforços e gastos são para manter o status quo. A causa dos problemas em países pobres não lhes interessa. Ajudar a organizar o sistema de produção capaz de gerar emprego nestes países seria, talvez, uma alternativa para diminuir a imigração para seus países. A globalização de lá pra cá, começa a voltar daqui pra lá. De lá pra cá vem tecnologia, produtos finos e o que achamos chique. O anseio, o desejo, o sonho é despertado. O consumo deixa de ser necessário e passa a ser supérfluo. Quem tem necessidade de consumo não pode mais consumir produtos básicos e quem tem poder de consumo passa a consumir sem ter necessidade e passa a gerar consumismo. As grandes corporações sugam o que podem e levam seus lucros. E para não ter de voltar o refugo, o bagaço restante, são implantados os processos de filtragens. Verdadeiras centrífugas são instaladas para filtrar e não deixar passar as impurezas do produto explorado.

Políticas voltadas para dentro, e não para fora, centrípetas e não centrífugas, implisivas em vez de explosivas – tais como entrincheirar-se, fechar-se, construir cercas equipadas com uma rede de máquinas de raios X e câmeras de TV de circuito fechado, colocar mais agentes dentro das cabines de imigração e mais guardas de fronteira fora delas, tornar mais restritivas as leis de imigração e naturalização, manter os refugiados em campos isolados e estritamente guardados e impedir a chegada de outros antes que eles tenham a chance de reivindicar o status de refugiado ou pessoa em busca de asilo – em suma, lacrar os seus domínios contra as multidões que lhes batem às portas enquanto fazem muito pouco, se é que existe alguma coisa, para aliviar essa pressão eliminando as suas causas.<sup>28</sup>

Este sistema de bloqueio é para evitar a entrada do bagaço, dos resíduos, das impurezas, pois o sumo, o filé, o maciço já foi absorvido e sugado ao máximo pelo sistema financeiro. O lucro é o que interessa. A diáspora acontece para todos os lugares do mundo e principalmente para os grandes centros metropolitanos,

---

<sup>27</sup> BAUMAN, 2013, p. 39.

<sup>28</sup> BAUMAN, 2006, p. 24-25.

sejam de países desenvolvidos ou subdesenvolvidos. No caso do Brasil, no sertão nordestino, é evidente a percepção desse problema. Se perguntarmos a qualquer família se esta tem parentes que migraram, a resposta será positiva.

Quando fazemos a analogia com a situação do trabalhador, quando este é selecionado, peneirado entre os melhores e é absorvido como o mais especializado, ele passa a ser explorado no sistema, isto é, passa a ser macerado, sugado ao máximo em suas capacidades. Sua força de trabalho, mão de obra, é centrifugada. Quando não serve mais é deixado de lado e passa a ser o lixo do sistema. Oneroso e esquecido vai amargar no sistema previdenciário.

Os movimentos migratórios forçados são frequentes e ocorrem em diversas regiões de um mesmo país. Tomemos como exemplo o Brasil, onde a força de trabalho jovem não é absorvida em sua grande maioria nas diversas regiões do país. Sem emprego ou qualquer outra forma de manutenção, a população jovem, não encontrando como realizar seus anseios em sua terra natal, é impelida a sair, emigrar, por diversas situações. Duas forças atuam sobre esta população ao mesmo tempo, uma de repulsão e outra de atração. Não dá para medir qual força atua com mais intensidade, mas podemos dizer que aqui entram em choque as forças endógenas emanadas do sentimento de pertencimento, de afetividade, de identidade e os laços sentimentais familiares. Forças provenientes da categoria geográfica chamada “lugar”. “O lugar é a base da reprodução da vida e pode ser analisado pela tríade habitante-identidade-lugar”.<sup>29</sup>

Ao mesmo tempo em que o lugar prende seus filhos com mãos afetuosas e carinhosas, apelando para que permaneçam dentre os seus, ele não oferece condições de preencher as ansiedades e necessidades que a potencialidade juvenil precisa para desenvolver-se. Não oferece emprego, capacitação, oportunidades para que possam permanecer e crescer no mundo a partir do seu lugar. Em contrapartida, as garras do mundo as forças exógenas, provenientes de diversas fontes que coabitam com as forças do lugar, se apresentam. Isso acontece geralmente quando o jovem está por completar dezoito anos. As forças de repulsão do lugar e as forças de atração do mundo superam os laços afetivos. As formas de atração exercem grande força sobre as populações pobres, que são aliciados pelos mecanismos que os meios de comunicação divulgam e pelos sonhos de uma vida

---

<sup>29</sup> CARLOS, Ana Fani Alexandri. *O lugar no/do mundo*. São Paulo: Hucitec, 1996. p. 20.

melhor. E muitos são empurrados e/ou atraídos para tentar a vida até além das fronteiras nacionais.

O lugar é o suporte espacial e territorial do processo de Desenvolvimento Local. Trata-se da necessidade de construir uma configuração espacial do lugar, como base para que a sociedade se organize para viver e produzir. Portanto, para construir um processo de desenvolvimento local sustentável, é preciso centrar esforços no melhoramento do lugar como suporte espacial da comunidade que se pretende fazer sustentável.<sup>30</sup>

Sem uma valorização das potencialidades locais para gerar renda e recursos para a população local, vai ocorrer a migração e a concentração de renda cada vez maior na mão daqueles que lucram com a situação de atraso. E estes são os primeiros a emperrar este desenvolvimento endógeno, dificultando o desenrolar das atividades econômicas que tornam o local mais solidário e mais igualitário.

As migrações forçadas têm diversas consequências com destaque cada vez mais frequente para a ameaça ambiental. As mudanças climáticas (chuva, seca, tempestades, furacões e, principalmente, a exaustão por exploração dos recursos naturais) começam a empurrar populações de um lado para outro dentro dos países e de país para país. Temos como exemplo o sertão nordestino, lugares que receberam investimentos através programas governamentais, como Luz para todos, cisternas, construção de estradas e outros estão sendo abandonados pelas suas populações por causa da estiagem. Nem mesmo ações políticas conseguem combater as reações da natureza.

### 1.3 Do consumo ao consumismo

Com o Sumo fico Filé  
Consumo o que posso  
e consumido sumindo fico!  
Está consumado.  
Fui induzido ao consumismo  
e sumo!!!!

(José Mauricio)

Consumo é um termo que ironicamente nos remete à ideia de: com + sumo, isto é, está com o melhor de algo. Porém, consumo<sup>31</sup> é: 1. Ato ou efeito de consumir;

<sup>30</sup> SILVA, Edson Vicente; RODRÍGUEZ, José M. Mateo. *Desenvolvimento local sustentável*. (Mimeo.). Fortaleza, 2001. p. 21.

<sup>31</sup> BARSÁ, Encyclopaedia Britannica Editores Ltda, vol 5, Rio de Janeiro, 2009. p. 1584.

destruição, gasto. 2. Venda de mercadorias; extração, procura. O termo consumo vem do verbo Consumir<sup>32</sup> (do lat. *consumere*) v.tr. que significa 1. Gastar, destruir, extinguir, corroer até completa destruição. No atual momento o sentido do conceito consumo, se aplicado de forma literal ao modelo de sociedade atual, podemos associar ao que estamos praticando. O consumo é inerente ao estado de sobrevivência humano, pois é impossível viver sem esta prática. Toda sociedade precisa do consumo para se manter. “Consumo é uma condição, e um aspecto, permanente e irremovível, sem limites temporais ou históricos; um elemento inseparável da sobrevivência biológica que nós humanos compartilhamos com todos os outros organismos vivos”.<sup>33</sup>

Porém, não parece muita coincidência ao observarmos o significado do verbo consumir com o que adotamos como prática de consumo? O que estamos fazendo com o planeta é consumir mesmo. Ao extrairmos o melhor da matéria-prima para transformar em produtos estamos respondendo a uma cadeia que se criou em torno da busca do melhor para satisfazer, não mais só às necessidades, mas aos desejos. A “nossa capacidade de ‘querer’, ‘desejar’, ‘ansiar por’ e particularmente de experimentar tais emoções repetidas vezes de fato passou a sustentar a economia do convívio humano”.<sup>34</sup>

A partir destes anseios individuais vão se constituindo as bases sólidas de uma sociedade de consumo para uma sociedade do consumismo. O conceito definido pela Eciopédia Barsa é bem adequado para o momento, “consumismo é a tendência para consumir exageradamente... e/ou a forma de indução ao consumo não necessário, característico do capitalismo, que atua como mecanismo de suporte de uma atividade produtiva crescente”.<sup>35</sup>

Observando a palavra “indução”, uma luz de alerta deveria acender. O ato de induzir subjaz a duas situações antagônicas. A primeira deveria levar o indivíduo a duvidar e a refletir sobre o que se apresenta. Na segunda o indivíduo sequer se dá conta que foi induzido, pois é levado a sentir-se como um “ser” livre dentro da sociedade consumista. “De maneira distinta do consumo, que é basicamente uma

---

<sup>32</sup> BARSA, 2009, p. 1584.

<sup>33</sup> BAUMAN, Zygmunt. *Vida para consumo: a transformação das pessoas em mercadoria*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2008. p. 37.

<sup>34</sup> BAUMAN, 2008, p. 38-39.

<sup>35</sup> BARSA, 2009, p. 1584.

característica e uma ocupação dos seres humanos como indivíduos, o consumismo é um atributo da sociedade”.<sup>36</sup>

Quando se passa para este âmbito, os indivíduos perdem o controle do que precisam e deixam de ser os autores, protagonistas, os produtores dos meios que lhes dão sentido e significado. As funções passam a ser ditadas por uma forma pensante coletiva, a sociedade.

Para que uma sociedade adquira esse atributo, a capacidade profundamente individual de querer, desejar e almejar deve ser, tal como a capacidade de trabalho na sociedade de produtores, destacada (“alienada”) dos indivíduos e reciclada/reificada de convívio humano, numa força externa que coloca a “sociedade de consumidores” em movimento e a mantém em curso como uma forma específica de convívio humano, enquanto ao mesmo tempo estabelece parâmetros específicos para as estratégias individuais de vida que são eficazes e manipulam as probabilidades de escolha e conduta individuais.<sup>37</sup>

O indivíduo deixa de ter “autonomia”, desconhece que tem força para expressar suas peculiaridades. Sob um sentimento de exclusão é obrigado a pensar como se algo o impelisse a agir desta ou daquela forma. Onde o que menos importa é o seu ser. A manipulação é tão bem camuflada que até o sentimento de liberdade é fabricado. “Atualmente, as empresas hegemônicas produzem o consumidor antes mesmo de produzir os produtos”.<sup>38</sup> Uma sociedade onde é bonito ser “feio”, em todos os sentidos. As pessoas têm vergonha de serem honrosas. Perdem a noção do lógico e racional para manter um certo grau de autoestima capaz de proteger-se dos sentimentos de vazios fabricados para gerar insatisfação.

A sociedade de consumo consegue tornar permanente a insatisfação. Uma forma de causar esse efeito é depreciar e desvalorizar os produtos de consumo logo depois de terem sido alçados ao universo dos desejos do consumidor. Uma outra forma, ainda mais eficaz, no entanto, se esconde da ribalta: o método de satisfazer toda necessidade/desejo/vontade de uma forma que não pode deixar de provocar novas necessidades/desejos/vontades. O que começa como necessidade deve terminar como compulsão ou vício.<sup>39</sup>

O desequilíbrio e o desregramento parecem ser promovidos por um sistema de manipulação da consciência do indivíduo que se autoprojeta como um ser livre e cheio de si. Achando que suas escolhas são revolucionárias. A liberdade é

---

<sup>36</sup> BAUMAN, 2008, p. 41.

<sup>37</sup> BAUMAN, 2008, p. 41.

<sup>38</sup> SANTOS, 2000, p. 24.

<sup>39</sup> BAUMAN, 2007, p. 106-107.

fundamento da modernidade, muito valorizada, propagada e almejada. Porém não se dá conta que ela obedece às leis rígidas do mercado. Ser livre hoje é uma invenção do mercado. Ser livre dentro da lógica atual é não saber para onde ir, ou ir para onde estão propagando. Ser livre é poder obedecer aos apelos consumistas do mercado sem perceber que vontade individual não existe, ela é fabricada.

Uma regra central e amplamente incontestada, já que não escrita, de uma sociedade de consumo é que ser livre para escolher exige competência: conhecimento, habilidades e determinação para usar tal poder. Liberdade de escolha não significa que todas as opções sejam corretas – elas podem ser boas e más, melhores e piores. A alternativa escolhida acaba sendo prova de competência ou de falta da mesma. Supõe-se que a “subclasse” da sociedade de consumidores, os “consumidores falhos”, seja um agregado composto de vítimas individuais de escolhas individuais erradas, e tomadas como prova tangível da natureza pessoal das catástrofes e derrotas da vida, sempre um resultado de opções pessoais incompetentes.<sup>40</sup>

A sociedade de mercado vai moldando o que cada um deve “ser”, formando seres vulneráveis às constantes mudanças fabricadas para não durar. A base desta sociedade é uma fina espessura na qual somos obrigados a deslizar. Isentando-se de qualquer culpa, tirando o corpo fora, recebendo os méritos e condenando o indivíduo. Uma sociedade escancarada a todo tipo de probabilidades, desprotegida de mecanismos que a façam refletir sobre os danos causados na busca do que é melhor para si. As influências vêm de todos os lados possíveis e inimagináveis. A sensação é que algo está à espreita e a todo instante, antes mesmo do “sucesso” anterior sumir tão rápido quanto surgiu, surge outro hábito com qualidades mais extravagantes para ocupar o lugar do anterior.

O sucesso é medido pelo número de cliques e pela quantidade de insinuações pornográficas. O esgotamento “essencial” das coisas, o perecível, o nada passa a ser, isto é, o ser em si não é. “O Ser pelo qual o Nada vem ao mundo é um ser para o qual, em seu Ser, está em questão o Nada de seu ser: o ser pelo qual o Nada vem ao mundo deve ser seu próprio Nada”.<sup>41</sup> O que se propaga é algo que não é, pois o que é para ser, tem que ser momentâneo e passageiro. O sucesso se verifica como algo fabricado para ser intenso enquanto durar e que logo será descartável. A cultura do insustentável é apregoada de forma subjacente

<sup>40</sup> BAUMAN, 2008, p. 175.

<sup>41</sup> SARTRE, Jean-Paul. *O ser e o nada – Ensaio de Ontologia fenomenológica*. Petrópolis: Vozes, 1997. p. 65.

praticamente em todos os campos da sociedade. Aquilo que é duradouro é depreciável e se torna obsoleto e perde “valor”.

A essência, contudo é outra coisa: ela tem como fim a valorização do valor, independentemente das necessidades reais dos homens reais. Aqui, ocorre uma mudança de sujeitos: na circulação simples, a mercadoria é sujeito e o valor, sua determinação, seu predicado.<sup>42</sup>

#### **1.4 As consequências da sociedade de consumo**

Essa nova lei do valor – que é uma lei ideológica do valor – é uma filha diletta da competitividade e acaba por ser responsável também pelo abandono da noção e do fato da solidariedade. Daí as fragmentações resultantes. Daí a ampliação do desemprego. Daí o abandono da educação. Daí o despreço à saúde como um bem individual e social inalienável. Daí todas as novas formas perversas de sociabilidade que já existem ou se estão preparando neste país, para fazer dele – ainda mais – uma país fragmentado, cujas diversas parcelas, de modo a assegurar sua sobrevivência imediata, serão jogadas umas contra as outras e convidadas a uma batalha sem quartel.<sup>43</sup>

Quando valores essenciais começam a se tornar escassos em uma determinada sociedade é hora de começarmos a esperar algum tipo de reação. Diante da situação em que se encontra a sociedade atual caracterizada por Zygmunt Bauman como modernidade líquida, falar destes valores é sinônimo de carência.

Generosidade, honestidade, honradez, caridade, solidariedade são qualidades desvalorizadas. É estranho não encontrarmos espaço que possibilite expor ideias voltadas para o resgate destes valores. Ao mesmo tempo em que é estranho, também é compreensível não haver valorização destes termos, pois eles são antagônicos e contraditórios ao modelo econômico que vigora. Eles são afastados das discussões e mantidos fora das reflexões. São reflexões que quando vêm à tona é porque houve alguma catástrofe em que os mecanismos difusores de informação fazem lograr os títulos de solidários.

Tão rápido quanto a catástrofe é o período de solidariedade destes meios, pois logo que cada um acha que fez sua parte parece que o problema sumiu, ficou tudo resolvido e não se fala mais nisto. A solidariedade na era da informação é tão sólida quanto a lama da encosta que desabou por conta da solidez da chuva que despencou. Solidariedade em uma sociedade líquida é conveniente em algum tipo

---

<sup>42</sup> OLIVEIRA, 2001, p. 59.

<sup>43</sup> SANTOS, 2000, p. 24.

de situação vantajosa e pode acontecer em muitos casos. Porém, quando buscamos o sentido original da palavra solidariedade que provém de algo sólido ou solidez, percebemos que é difícil manter-se em um meio que valoriza aquilo que é líquido, fluído, passageiro, descartável.

A ideologia de se ter um mundo globalizado em parte está sendo efetivada pelos conglomerados neoliberais, talvez seus objetivos estejam sendo alcançados. Porém quando dizemos que a ideologia se efetiva em parte, é porque seus ideólogos apregoavam um mundo globalizado onde todos se beneficiariam com o avanço dos meios técnicos científicos.

Nas condições atuais, a ideologia é reforçada de uma forma que seria impossível ainda há um quarto de século, já que, primeiro as ideias e, sobretudo, as ideologias se transformam em situações, enquanto as situações se tornam entre si mesmas “ideias”, “ideias do que fazer”, “ideologia”, e impregnam, de volta, a ciência cada vez mais redutora e reduzida, mais distante da busca da “verdade”.<sup>44</sup>

Enquanto os problemas se agravam o que percebemos nos telejornais é a supervalorização das descobertas científicas como salvadoras do mundo. Uma grande ênfase é dada a uma pesquisa que propõe solução para despoluir a água, por exemplo, e pouco se fale das infinitas possibilidades de se preservar as fontes naturais que se degradam a cada instante. Por outro lado o que percebemos é o descaso que essa ideologia mercadológica consumista implanta no comportamento, o acerbado individualismo e o extremo descaso com o outro. Quase que uma anulação do sentimento de solidariedade até com os mais próximos, como se percebe já na própria família. “Em tais condições, instalam-se a competitividade, o salve-se-quem-puder, a volta ao canibalismo, a supressão da solidariedade, acumulando dificuldades para um convívio social saudável e para o exercício da democracia”.<sup>45</sup>

Se a competitividade é o molde deste sistema antagônico que prega a unificação global e o individualismo é o produto, como este mundo vai ser unido se suas ligações se repelem? Estamos diante da contradição performativa de Diógenes. “Enquanto em certa ocasião o filósofo tomava sol no Cranêion, Alexandre,

---

<sup>44</sup> SANTOS, 2000, p. 27.

<sup>45</sup> SANTOS, 2000, p. 27.

o Grande, chegou, pôs-se à sua frente e falou: pede-me o que quiseres!” Diôgenes respondeu: “Deixa-me o meu sol!”.<sup>46</sup>

Um sistema que promete liberdade, porém aliena; que prega a interligação e pratica o isolamento; que se diz conectado, porém promove separatismo. Uma onda anti-solidária toma forma em várias partes do mundo e conflitos separatistas se instauram em várias nações. É na Criméia, na região Basca e em Veneza, só para destacar os novos movimentos como exemplo. Numa luta constante que enfatiza as diferenças sempre como um problema e quase nunca como uma solução. Onde os objetivos primeiros são pragmáticos e imediatistas pautados nas atitudes materiais da existência renegando uma sociabilização pautada no respeito.

Na esfera da sociabilidade, levantam-se utilitarismos como regra de vida mediante a exacerbação do consumo, dos narcisismos, do imediatismo, do egoísmo, do abandono da solidariedade, com a implantação, galopante, de uma ética pragmática individualista. É dessa forma que a sociedade e os indivíduos aceitam dar adeus à generosidade, à solidariedade e à emoção com a entronização do reino do cálculo (a partir do cálculo econômico) e da competitividade.<sup>47</sup>

A situação está cada vez mais se afunilando para um colapso. Quando passamos a depositar nossas forças em coisas e não em nós mesmo. Quando entregamos nosso tesouro para outro guardar. Quando descuidamos daquilo que só demandava cuidado e passamos a comprar seguros, já era para termos ficado alertas.

Vejamos o que diz a letra da música *Abismo do Consumismo*, da banda maranhense Tribo de Jah:

Tá tão difícil levar a vida / Atropelo nas ruas e avenidas / Predadores atacam de surpresa/ Visando presas sempre indefesas/ Charlatanismo em toda parte / Os mais vivos vivem de sua arte / Quem muito tem, quer muito mais / Pra alimentar suas fantasias / Se preciso pisam seus rivais/ Por mais e novas regalias / Outros nada tem e querem tudo já / Nem que pra isso tenham que matar / Mundo de modismo, extremo materialismo / Busca do prazer, todos querem bem viver / O consumismo revela o abismo / Entre o que se quer e o que se pode ter.<sup>48</sup>

<sup>46</sup> DIÔGENES, Laértios. *Vidas e Doutrinas dos filósofos ilustres*. Tradução do grego, introdução e notas: Mário da Gama. 2. ed., reimpressão. Brasília: Ed. UNB, 2008. p. 162.

<sup>47</sup> SANTOS, 2000, p. 27.

<sup>48</sup> TRIBO DE JAH. *Abismo do Consumismo*. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=QCUrliTDqio>>. Acesso em: 23 nov. 2014.

O consumismo, como sendo a expressão máxima resultante do exagero do consumo desnecessário, é um elo dispersor de muitos danos. Várias consequências negativas são desencadeadas a partir deste elo. Só para citar algumas delas que estão relacionadas com os nossos objetivos podemos destacar a violência, a ampliação da dependência dos países subdesenvolvidos aos desenvolvidos, destruição dos recursos naturais. A segurança como sendo um fator agregador é danificada e desestabilizada, pois ela interfere no fator essencial do consumismo que é a valorização do supérfluo e transitório. São situações contraditórias que não coabitam um mesmo espaço. O medo se torna o motor da sociedade consumista, dele provêm às consequências citadas e mais violência, dependência econômica, destruição, abandono da generosidade. “Jamais houve na história um período em que o medo fosse tão generalizado e alcançasse todas as áreas da nossa vida: medo do desemprego, medo da fome, medo da violência, medo do outro”.<sup>49</sup> O medo passa a dar lucro, pois a insegurança causa ansiedade e angústia. E isso gera mais consumismo num ciclo vicioso que se entrelaça numa rede de conexões ocultas que alimenta um sistema perverso que se auto nutre.

Dentro deste leque de inseguranças podemos refletir que possivelmente a ampliação do desemprego talvez seja o elo, isto é, o ponto chave para que este sistema de perversidade se mantenha em estado de desequilíbrio que antagonicamente é o ponto de “equilíbrio” da segurança do modelo econômico atual.

---

<sup>49</sup> SANTOS, 2000, p. 29.



## 2 CONSUMO E SUSTENTABILIDADE: UMA LUTA DE CONTRÁRIOS<sup>50</sup>

Neste capítulo abordaremos sobre: o que é consumo consciente. Como o consumo consciente leva à sustentabilidade? Quais princípios éticos podem ser aplicados a um consumo consciente para a sustentabilidade?

### 2.1 Consumo Consciente

Diante da artificialização da vida e da natureza que se propaga de forma impregnante nos modos de vida da sociedade atual é difícil combater suas consequências e encontrar espaços para gerar reflexão a tempo, antes de sentir os seus efeitos.

Não estamos mais falando do processo histórico que culmina nos tempos atuais. Estamos refletindo sobre a realidade instaurada nos novos hábitos. As novas gerações não conhecem mais nem os alimentos que comem. Estão alheias ao processo básico da vida, ao essencial para o funcionamento do organismo. Como se isso fosse sem importância. A banalização do natural, a breguice das coisas simples da vida, como é dita, é preocupante. Estamos presenciando as consequências de um processo de exploração que gerou subdesenvolvimento e desigualdade e desagregou os sistemas tradicionais adaptados aos seus meios naturais.

As transformações culturais geradas por este modo de exploração foram sepultando uma enorme quantidade de conhecimentos práticos elaborados durante séculos de experiência produtiva pelas comunidades autóctones destas regiões, os quais permitiram uma apropriação ecologicamente racional do meio ambiente.<sup>51</sup>

Estamos sujeitos aos produtos que as grandes corporações produzem, elas estão ditando o modo como se deve viver. Nos mais distantes recantos do nordeste, temos caso de moradores rurais achando melhor comprar galinha de granja em substituição à produção tradicional, por exemplo. Pequenos produtores deixando de produzir devido ao alto custo de insumos que são comprados na cidade. A produção está subjugada à grande empresa. O que chamamos de artificialização seria esta

---

<sup>50</sup> CIRNE-LIMA, C. *Dialética para principiantes*. Porto Alegre: Eupucrs, 1997.

<sup>51</sup> LEFF, Enrique. *Ecología, capital e cultura: racionalidade ambiental, democracia participativa e desenvolvimento sustentável*. Tradução de Jorge Esteves da Silva. Blumenau: Ed. da FURB, 2000. p. 26.

completa dependência da indústria que transformou tudo em mercadoria. Os saberes que são capazes de gerar produção fora desta lógica estão quase completamente perdidos ou desprezados.

Então, como tomar decisões conscientes para consumir produtos que possam estar enquadrados na ideia de sustentabilidade? Como ser ético diante deste sistema produtivo atual? Tem surgido diversas experiências e iniciativas que buscam manter um estilo de consumo que busca colaborar para surgir novas formas de consumir de maneira mais ética.

O consumo ético é um conceito novo que visa incorporar a dimensão ética na atividade de consumir dos seres humanos. É o consumo de bens e serviços socialmente justo e ambientalmente sustentável que respeita a cultura e promove uma melhor qualidade individual e social de vida.<sup>52</sup>

Este tipo de comércio não surge espontaneamente, principalmente quando a maximização do processo produtivo é o objetivo das grandes corporações e não a conscientização do consumidor. Esperar que serviços justos sejam valorizados pelas empresas sem um mecanismo que as forcem praticá-los é quase ilusão. Forçar a produção de produtos ambientalmente sustentáveis e respeitar a cultura tradicional beneficiando o indivíduo é possível, se o elemento central do consumo tomar consciência de sua força, se o consumidor acordar e passar a conhecer e a cobrar estes elementos através de sua ação de comprar. Não é possível comércio justo e consumo ético sem o consumo consciente, sem a compra consciente, sem o consumidor consciente.

A compra consciente vai muito além da compra racional. O consumidor aceita a inteira responsabilidade de seu ato de compra, assumindo conscientemente a preocupação sobre qual o destino de seu dinheiro e o que ele está estimulando. Nesta compra estão presentes os conceitos de justiça, responsabilidade e solidariedade.<sup>53</sup>

O mecanismo do marketing que propaga a superioridade da marca e o parâmetro baseado no preço cria uma espécie de anestesia no consumidor que passa a desejar o produto a tal ponto que ele esquece qualquer tipo de questionamento sobre sua trajetória. Estar consciente para consumir é estar preparado para consumir. É planejar o consumo. Um mecanismo para que isso

---

<sup>52</sup> FRETTEL, Alfonso Cotera; SIMONCELLI-BOURQUE, Eloïse. *O comércio justo e o consumo ético*. Rio de Janeiro: DP&A; Fase, 2003. p. 48.

<sup>53</sup> FRATEL; SIMONCELLI-BOURQUE, 2003, p. 50.

aconteça estar pautado na racionalidade e na reflexão do ato de comprar. Porém, existe todo um sistema de manipulação da consciência do consumidor para que ele não perceba sua ação. Não faça reflexões além das que são baseadas na lógica do mercado pautada em preços, aparências ou outras impressões superficiais. “Os meios de comunicação aumentaram seu poder de sedução, estimulando um maior consumo de bens e serviços e uma mentalidade acrítica nas pessoas”.<sup>54</sup> Criou-se uma cultura de não pensar nas consequências destes estímulos, imediatista sem se deter em mensurar os efeitos que atos simples e individuais podem gerar quando somados em escala planetária. Vivemos uma cultura consumista de tal forma impregnada que quando pensamos solucionar um problema gerado por ela, pensamos como solução outra ação consumista.

Se a cultura consumista é o modo peculiar pelo qual os membros de uma sociedade de consumidores pensam em seus comportamentos ou pelo qual se comportam “de forma irrefletida” – ou, em outras palavras, sem pensar no que consideram ser seu objetivo de vida e o que acreditam ser os meios corretos de alcançá-lo, sobre como separam as coisas e os atos relevantes para esse fim das coisas e atos que descartam como irrelevantes, acerca de o que os excita e o que os deixa sem entusiasmo ou indiferentes, o que os atrai e o que os repele, o que os estimula a agir e o que os incita a fugir, o que desejam, o que temem e em que ponto temores e desejos se equilibram mutuamente -, então a sociedade de consumidores representa um conjunto peculiar de condições existenciais em que é elevada a probabilidade de que a maioria dos homens e das mulheres venha abraçar a cultura consumista em vez de qualquer outra, e de que na maior parte do tempo obedeçam aos preceitos dela com a maior dedicação.<sup>55</sup>

Então está tudo certo para esta sociedade, se sua lógica condiz com os anseios de seus membros, não importa para onde ela caminha. Seus membros não terão o que questionar. Só perceberá as consequências quem estiver fora desta lógica, e esta pessoa, será sempre vista como um anormal e será até perseguida por atrapalhar o percurso “natural” que se segue. “A sociedade de consumidores, em outras palavras, representa o tipo de sociedade que promove, encoraja ou reforça a escolha de um estilo de vida e uma estratégia existencial consumista, e rejeita todas as opções culturais alternativas”.<sup>56</sup>

A mudança de mentalidade cultural requer uma mudança de paradigma, requer uma série de choques para forçar ações em prol de um novo rumo. Para construir um paradigma de consumo responsável e consciente são lançadas

---

<sup>54</sup> FRATEL; SIMONCELLI-BOURQUE, 2003, p. 47.

<sup>55</sup> BAUMAN, 2008, p. 70.

<sup>56</sup> BAUMAN, 2008, p. 70.

algumas propostas.<sup>57</sup> Alguns comentários são levantados com o intuito de aprofundarmos a reflexão sobre a relação consumo consciente e sustentabilidade.

Estimular a reflexão sobre as consequências ecológicas e humanas dos padrões de consumo, questionando o atual consumismo que deteriora a natureza e afeta a cultura e os valores humanos. Promover novos padrões de consumo que defendam o meio ambiente, respeitem a cultura e os valores da convivência humana baseados na equidade, na sustentabilidade, na responsabilidade, na solidariedade e na qualidade de vida.<sup>58</sup>

A questão do consumismo é um fator grave que intensifica a deterioração da natureza. Isso é percebido com clareza, não há dúvida, é visível. Porém, seus danos não foram internalizados o bastante ainda, a ponto de mudar a postura da maioria. Muita gente ainda tem sede de consumo, uns porque não puderam ainda e outros porque podem muito. Necessitando uma mudança de percepção e de se apreender novas forma de consumir para mudar o padrão de consumo. Mudar as estruturas produtivas apoiadas em padrões de alta degradação é o grande desafio. Existe um interesse maior que manipula para que as coisas fiquem como estão, porque se beneficia dessa situação. Podemos perceber isto através da música 3ª Do Plural<sup>59</sup> da banda Engenheiros do Hawaii:

Corrida pra vender cigarro  
 Cigarro pra vender remédio  
 Remédio pra curar a tosse  
 Tossir, cuspir, jogar pra fora

Corrida pra vender os carros  
 Pneu, cerveja e gasolina  
 Cabeça pra usar boné  
 E professar a fé de quem patrocina

Eles querem te vender  
 Eles querem te comprar  
 Querem te matar (de rir)  
 Querem te fazer chorar

Quem são eles?  
 Quem eles pensam que são?  
 Quem são eles?  
 Quem eles pensam que são?

[...]

<sup>57</sup> FRATEL; SIMONCELLI-BOURQUE, 2003, p. 51.

<sup>58</sup> FRATEL; SIMONCELLI-BOURQUE, 2003, p. 51.

<sup>59</sup> ENGENHEIROS DO HAWAII. 3ª do Plural. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=tVQu5CZeE8M>>. Acesso em: 24 nov. 2014.

Corrida contra o relógio  
Silicone contra a gravidade  
Dedo no gatilho, velocidade  
Quem mente antes diz a verdade

Satisfação garantida  
Obsolescência programada  
Eles ganham a corrida  
Antes mesmo da largada

Eles querem te vender  
Eles querem te comprar  
Querem te matar (a sede)  
Eles querem te sedar

Quem são eles?  
Quem eles pensam que são?  
Quem são eles?  
Quem eles pensam que são?

[...]

O consumismo é somente o resultado esperado pelas grandes estruturas produtivas. Deixar de consumir energia elétrica proveniente da hidrelétrica e usar uma placa solar para gerar a própria energia é possível. Porém, mudar esta estrutura em grande escala é difícil, pois ela é mantida por uma lógica política e econômica. É incentivado o consumo de uma moto comprada a prazo de 60 prestações, mas não se tem a possibilidade de comprar uma placa de energia solar nas mesmas condições. Por quê? Promover a mudança nos padrões é uma possibilidade, fazer esta mudança é um desafio.

Ideologicamente ou não, existe todo um discurso defendendo a sustentabilidade e uma série de valores ambientais e uma série de propagandas e mídias divulgando produtos sustentáveis. O consumidor muitas vezes não sabe nem avaliar o que pode estar enquadrado como benéfico ao meio ambiente, muito menos compreender o que vem a ser sustentabilidade.

## **2.2 A Sustentabilidade virou mercadoria?**

Como o consumo consciente leva à sustentabilidade?

Percebe-se uma contradição entre a proposta e o discurso, ou seja, a realidade vem mostrando que o que se diz sobre sustentabilidade não condiz com o que está acontecendo na prática. Apesar das muitas tentativas de implantar uma

cultura sustentável, o que se vê é o aumento de práticas contrárias a isso e muita falácia.

O discurso da “sustentabilidade” leva portanto a lutar por um crescimento sustentado, sem uma justificação rigorosa da capacidade do sistema econômico de internalizar as condições ecológicas e sociais (de sustentabilidade, equidade, justiça e democracia) deste processo.<sup>60</sup>

Discursa-se sustentabilidade praticando a insustentabilidade. Pode ser mais um termo midiático, assim como outros tantos: responsabilidade social, justiça social, democracia, equidade e etc. Usar a ideia de sustentabilidade sem aceitar o seu real sentido parece até má fé, ideológico e conveniente ou tudo ao mesmo tempo.

Diante da bagaceira e das tragédias advindas da globalização em relação ao meio ambiente é necessário entender que:

O princípio de sustentabilidade surge como uma resposta à fratura da razão modernizadora e como uma condição para construir uma nova racionalidade produtiva, fundada no potencial ecológico e em novos sentidos de civilização a partir da diversidade cultural do gênero humano.<sup>61</sup>

A abordagem ou a ação com base neste princípio já é uma necessidade para se buscar saídas da atual situação predatória. É uma tentativa de se mitigar os danos alarmantes que a racionalidade moderna vem praticando no decurso histórico até os dias atuais. Porém, mesmo surgindo como um princípio que busca estes objetivos, a sustentabilidade passou a ser usada como mais um mecanismo de manipulação em prol dos interesses daninhos que sempre atuaram contra a boa utilização dos recursos naturais. E ainda não se estabeleceu como uma postura, uma atitude capaz de ser esta uma resposta exemplar, a ponto de ser seguida e aceita como um novo paradigma. A sustentabilidade precisa ser entendida como uma atitude conservacionista e que o planeta é um lugar de passagem e que outros virão depois de nós.

Sustentabilidade é toda ação destinada a manter as condições energéticas, informacionais, físico-químicas que sustentam todos os seres, especialmente a terra viva, a comunidade de vida e a vida humana, visando sua continuidade e ainda atender às necessidades da geração presente e

---

<sup>60</sup> LEFF, Enrique. *Saber ambiental: sustentabilidade, racionalidade, complexidade, poder*. Petrópolis: Vozes, 2001. p. 19.

<sup>61</sup> LEFF, 2001, p. 31.

das futuras, de tal forma que o capital natural seja mantido e enriquecido em sua capacidade de regeneração, reprodução e coevolução.<sup>62</sup>

A capacidade de entender que é possível viver de acordo como este conceito é um grande desafio. Parece uma utopia, pois o que percebemos são os grandes desmandos e desatinos que nossa forma de vida está causando. Converter-se a essa nova atitude é vislumbrar um horizonte mais universalista ou holístico da realidade. É perceber que o ser humano é um ser finito e que a terra não terá fim por causa de nós, é entender que somos responsáveis por nossa permanência ou por nossa extinção. Pois, “a continuidade da maior parte das formas de vida – das bactérias às baratas, passando pelas amebas – nem de longe está ameaçada pela capacidade destruidora adquirida pela espécie humana”.<sup>63</sup> Então, continuar usando a sustentabilidade como jargão para justificar a salvação do planeta e continuar pregando soluções miraculosas para resolver os problemas é não perceber que “a artificialização, que tanto fez progredir a humanidade, ameaça seus próprios alicerces vitais, como um parasita que põe em risco a sobrevivência de seu hospedeiro”.<sup>64</sup> É continuar alimentando a arrogância antropocêntrica de que a espécie humana é poderosa o suficiente para obter sua perpetuação avassaladora eternamente. “Em contraste, discutir com rigor esse novo valor que é a sustentabilidade exige a humildade de assumir o caráter passageiro da existência humana”.<sup>65</sup> A iminência de uma possível extinção foi um fator determinante para que a consciência coletiva viesse a aceitar a formulação da expressão desenvolvimento sustentável. Para que se pudesse encontrar um viés esperançoso capaz de conciliar dois elos distintos sem sair da racionalidade dominante e ao mesmo tempo criando um paliativo reforçador da esperança de que é possível continuar desenvolvendo e preservando os ecossistemas, sem perder a lógica do crescimento econômico. O Relatório Brundtland apresentado em 1987, afirma: “O desenvolvimento sustentável é o desenvolvimento que encontra as necessidades atuais sem comprometer a habilidade das futuras gerações de atender suas próprias necessidades”.<sup>66</sup> O que nos deixa desconfiados é que o uso inadequado do termo seja mais uma das formas

---

<sup>62</sup> BOFF, Leonardo. *Sustentabilidade: o que é: o que não é*. Petrópolis: Vozes, 2012. p. 107.

<sup>63</sup> VEIGA, José Eli da. *Sustentabilidade: a legitimidade de um novo valor*. São Paulo: Ed. Senac São Paulo, 2010. p. 35.

<sup>64</sup> VEIGA, 2010, p. 35.

<sup>65</sup> VEIGA, 2010, p. 35.

<sup>66</sup> RELATÓRIO Brundtland. Disponível em: <<http://www.onu.org.br/a-onu-em-acao/a-onu-e-o-meio-ambiente/>>. Acesso em: 25 nov. 2014.

de auto-enganação que a humanidade utiliza para legitimar seu egoísmo material. Pois o termo “desenvolvimento”, por si só, já traz em seu bojo o equilíbrio de ser de cada ser. Tudo o que se desenvolve na natureza tem sua sustentabilidade intrínseca. Por que com o ser humano seria diferente? Por isto Veiga<sup>67</sup> põe em dúvida a elaboração deste conceito quando afirma que, em primeiro lugar, o que é mais urgente é acabar com a miséria, com as guerras e com os regimes autoritários; transformar radicalmente o modelo de civilização atual descobrindo formas de descarbonizar as matrizes energéticas e por último parar de banalizar o termo sustentabilidade deixando de dicotomizar as questões ambientais com questões econômicas, políticas e sociais. Isso já vinha sendo alertado há mais de vinte anos quando a utilização do termo passou a ser o centro do discurso ecológico oficial.

Ao buscar-se um desenvolvimento sustentável hoje está-se, ao menos implicitamente, pensando em um desenvolvimento capitalista sustentável, ou seja, uma sustentabilidade dentro do quadro institucional de um capitalismo de mercado. No entanto, não se colocando a questão básica quanto à própria possibilidade de uma tal sustentabilidade, o conceito corre o risco de tornar-se um conceito vazio, servindo apenas para dar uma nova legitimidade para a expansão do capitalismo.<sup>68</sup>

O que vemos é uma luta para que o termo não caia na banalização e no descrédito, pois em tudo que é falácia desenvolvimentista se usa o termo. A difícil empregabilidade conceitual do termo sustentabilidade se torna um problema nos tempos atuais, pois ele traz em sua semântica a possibilidade de resolver muitos de nossos problemas. Porém é de difícil internalização. É um novo valor que deve ser resgatado e encharcar, a partir de nós, as novas gerações. “O discurso do desenvolvimento sustentável afirma o propósito de alcançar um crescimento econômico duradouro, sem explicar a possível internalização das condições de sustentabilidade ecológica através dos mecanismos de mercado”.<sup>69</sup> Sem seu emprego correto perdemos tempo no que deveria ser a verdadeira luta, a luta contra a degradação e o desequilíbrio ambiental.

Porém, no que concerne ao real sentido do termo, não deixa de ser interessante a capacidade humana de vislumbrar as soluções para os problemas.

---

<sup>67</sup> VEIGA, 2010, p. 37-38.

<sup>68</sup> STAHEL, Andri Werner. Capitalismo e entropia: os aspectos ideológicos de uma contradição e uma busca de alternativas sustentáveis. In: CAVALCANTI, Clóvis (Org.). *Desenvolvimento e natureza: estudos para uma sociedade sustentável*. São Paulo, Cortez, 1995. p. 104.

<sup>69</sup> LEFF, 2000, p. 265.

Quando alguns são capazes de perceber os rumos e têm coragem de alertar, são classificados como desvairados, pois:

Quase toda capacidade cerebral dos seres humanos é usada para continuar crendo no que já se acostumaram a aceitar como verdade. Ínfima é a disponibilidade para colocar em dúvida alguma convicção. Pior: se a novidade esbarrar em ideias repisadas, consideradas como se fossem insuspeitas conclusões científicas, a chance é nula. Detesta-se qualquer pensamento que abale algum fundamento apreendido na escola, principalmente nos grandes manuais usados no ensino superior. Por isso, reflexões que rompem com visões convencionais estão fadadas à rejeição do silêncio.<sup>70</sup>

A sustentabilidade é um destes modelos de pensamento que abala os fundamentos do paradigma atual, pois ela não é um mero conceito. Ela é um conjunto de reflexões que rompe com convicções enraizadas. Ela requer mudanças profundas nos modos de produção, pois rompe com dinâmicas produtivas pautadas na destruição e na insalubridade. Por isso é forte a resistência para aceitar esta mudança. Ela vai de encontro a correntes de pensamentos que buscam a todo instante desqualifica-la, desmoralizando autores e entidades que tentam implantá-la.

Apesar de tantos pressupostos cosmológicos e antropológicos para um conceito integrador de sustentabilidade<sup>71</sup> a luta para manter este sistema degradante e a resistência diante da mudança é forte. Pois estamos diante de um novo paradigma, “um conjunto articulado de visões da realidade, de valores, de tradições, de hábitos consagrados, de ideias, de sonhos, de modos de produção e de consumo, de saberes, de ciências, de expressões culturais e estéticas e de caminhos ético-espirituais”.<sup>72</sup> Boff afirma que:

Hoje estão se enfrentando duramente dois paradigmas ou duas cosmologias: a chamada moderna, que nós qualificamos de cosmologia da dominação porque seu foco é a conquista e a dominação do mundo e cujas características descrevemos no capítulo anterior como sendo mecanicista, determinística, materialista e racionalista. Ela é a principal causadora da grave crise atual. O outro paradigma ou cosmologia que nós denominamos de cosmologia da transformação, expressão da era do ecozoico (que colocará a questão ecológica no centro das preocupações), já tem mais de um século de elaboração e ganhou sua melhor expressão na Carta da Terra.<sup>73</sup>

---

<sup>70</sup> VEIGA, 2010, p. 134.

<sup>71</sup> BOFF, 2012, p. 75.

<sup>72</sup> BOFF, 2012, p. 76.

<sup>73</sup> BOFF, 2012, p. 77.

Por mais que haja resistência, a mudança virá. E o mundo percorre sua evolução natural no eterno fluir heracliano. Defender o conceito de sustentabilidade, no seu sentido mais abrangente, é correr o risco de ser considerado utópico. Por esta razão, antes de expor o conceito de sustentabilidade defendido por Boff, vamos destacar os elementos da nova cosmologia que lhe dão sustentação:

Partimos de três pressupostos, aceitos por grande parte da comunidade científica: o primeiro é que o universo forma um incomensurável todo que se encontra em evolução e em expansão, a partir daquela primeira singularidade que foi o big-bang, de onde surgiu tudo o que existe, inclusive nós mesmos. O Segundo nos vem da Teoria da Relatividade de Einstein, segundo a qual massa material e energia são equivalentes. Matéria na verdade, não existe. Matéria é energia altamente condensada e interativa, cujos átomos podem ser decompostos e assim liberar a energia neles contida, como o mostrou, lamentavelmente a bomba atômica. O terceiro pressuposto nos vem da mecânica quântica, segundo a qual a matéria não possui apenas massa, de onde se originou toda a física moderna, nem somente energia, base para todo processo industrial, mas possui também informação.

Diante destes pressupostos e das argumentações expostas pelo autor fica difícil não aceitar que a sustentabilidade possa acontecer fora deles. Porém, argumentos dentro destas linhas de pensamentos são muitas vezes taxados de pseudociência. Principalmente quando não se limita somente à metodologia cientificista e entra no campo da espiritualidade. Tentando abarcar todos os aspectos que comporta o termo, Boff apresenta uma definição holística, o mais abrangente possível:

Sustentabilidade é toda ação destinada a manter as condições energéticas, informacionais, físico-químicas que sustentam todos os seres, especialmente a Terra viva, a comunidade de vida e a vida humana, visando sua continuidade e ainda atender as necessidades da geração presente e das futuras, de tal forma que o capital natural seja mantido e enriquecido em sua capacidade de regeneração, reprodução e coevolução.<sup>74</sup>

Sem desqualificar o conceito de desenvolvimento sustentável, acreditamos que ele se enquadra e deve ser aplicado seguindo as premissas do conceito de sustentabilidade, tendo esta como uma categoria de apoio e considerando sua abrangência. Ele deve ser aplicado direcionado a alguns aspectos: economia, sociedade, política e outros do gênero se não corre o risco de perder o seu sentido.

---

<sup>74</sup> BOFF, 2012, p. 107.

### 2.3 Princípios éticos, consumo consciente e sustentabilidade

Quais princípios éticos podem ser aplicados a um consumo consciente para promover a sustentabilidade?

Quando propomos o consumo consciente estamos apontando um desses tantos vieses que o conceito de desenvolvimento sustentável abarca. Por esta razão, por uma questão de foco, analisaremos mais algumas propostas para que se possa desenvolver um consumo ético e a partir delas analisarmos alguns princípios éticos que podem contribuir para a sustentabilidade.

Destacar esse ou aquele princípio ético como adequado para promover a sustentabilidade não é nossa pretensão. Simplesmente acreditamos que a partir do consumo ético temos a possibilidade de sairmos, de maneira prática, do marasmo que os jargões sustentabilísticos propagam em quase tudo que é panfleto. Cada indivíduo pode colaborar de alguma forma para a aplicação da sustentabilidade. Agora, para se chegar a uma ação prática, é preciso haver formas de se combater as inúmeras práticas favoráveis à insustentabilidade.

É preciso formar uma consciência voltada para o consumo ético e não há como se combater o sensacionalismo sem uma formação crítica deste indivíduo que consome sempre. “Estimular uma atitude crítica diante das mensagens sensacionalistas, da mentira, da manipulação e criação artificial de desejos e necessidades promovidas atualmente pela propaganda”.<sup>75</sup> Isso é uma condição que, se não for efetivada, inviabiliza as etapas posteriores.

Vivemos sob todo este véu de ilusão. A promoção disso é constante e se difunde de todas as formas. Retomar a atitude crítica e desanuviar sua percepção e dá sentido ao consumidor é que é o desafio. Quem vai assumir este papel? É preciso “estabelecer instâncias, convênios e acordos entre as organizações sociais e os meios de comunicação de massa e entidades públicas para assegurar um controle sobre as mensagens da publicidade”.<sup>76</sup>

---

<sup>75</sup> FRATEL, 2003, p. 52.

<sup>76</sup> FRATEL, 2003, p. 52.

A sociedade organizada tem que cobrar mais, não ficar só aceitando, a mercê das grandes redes promotoras do consumismo, que vão agindo à surdina e fazendo a sociedade engolir suas ideologias sem se dar conta. É preciso fazer valer a Constituição recorrer à justiça “com o objetivo de obter maior transparência e honestidade nas informações ao consumidor, respeitando-se o direito e a liberdade de expressão e os demais direitos humanos”.<sup>77</sup>

O estado é o responsável pela regulamentação e sua visão deveria ser mais holística, mais global e integradora, para poder ir freando os vis desejos vorazes do mercado, que só para quando é freado. A questão é que o mercado dominou também os governos e vem manipulando tudo. Governos estão voltados mais a políticas de curto prazo, focados mais no calendário eleitoral. Com a incapacidade crítica promovida, as escolhas de políticos cada vez mais medíocres, a ingerência vai se instaurando e a sociedade civil vai ter que, de alguma forma, encontrar meios para “Estimular as ações dos governos locais, regionais e nacionais em seu trabalho de regulação das atividades privadas de acordo com o atendimento das necessidades básicas da população”.<sup>78</sup>

Podemos destacar, como um mecanismo que pode fortalecer muito esta ideia, a implantação dos Arranjos Produtivos Locais (APLs). Os APLs podem ser uma alternativa para quebrar as muitas barreiras que dificultam a implantação de novas formas de pensar, de novos modos de cultura, principalmente as que são voltadas para a preservação das riquezas futuras.

Os APLs são sistemas de produção que são enraizados ao local graças a vantagens competitivas que aquela própria localização proporciona. As vantagens competitivas locais estão, em geral, associadas à ação cooperada e à maior facilidade de aperfeiçoamento do conhecimento técnico e comercial. E, graças a elas, pequenas e médias empresas enraizadas em seu local de origem se tornariam mais capacitadas a competir com empresas globais.<sup>79</sup>

Com isso podemos encontrar saídas para não perdermos tanto saber tradicional. Por exemplo, quando deixamos de valorizar bens locais, começamos a perder a identidade, é o que vem acontecendo no processo de globalização. A

---

<sup>77</sup> FRATEL, 2003, p. 52.

<sup>78</sup> FRATEL, 2003, p. 52.

<sup>79</sup> ARRANJOS Produtivos Locais e Desenvolvimento – BNDES. Disponível em: <[http://www.bndes.gov.br/SiteBNDES/export/sites/default/bndes\\_pt/Galerias/Arquivos/conhecimento/seminario/apl.pdf](http://www.bndes.gov.br/SiteBNDES/export/sites/default/bndes_pt/Galerias/Arquivos/conhecimento/seminario/apl.pdf)>. Acesso em: 03 jun. 2014. p. 11.

valorização de produtos globais vem massacrando as economias locais, até mesmo os produtos mais básicos estão sendo banalizados como sendo algo desprovido da fineza elitista vigente proveniente da suposta cultura dos países desenvolvidos. Isso é perceptível no setor alimentício, especialmente junto à população jovem, bastante influenciada pelas ideias consumistas das grandes empresas de *fast food* mundiais, que através de grandes investimentos em marketing, implantam valores estranhos à cultura tradicional local. Como forma de superar a dependência, em vários sentidos, temos a possibilidade de acreditar na força dos APLs.

Os APLs cuja força se baseia principalmente na cooperação institucionalizada, no diálogo de lideranças e com o poder público e no planejamento sobre o que se quer ser no futuro, são os que mais podem contribuir para o aperfeiçoamento político e social. Nesses, cria-se uma cultura cívica especial, uma espécie de republicanism, onde se aprende a fazer política baseada no consenso, no interesse comum, no respeito a normas de disputa política e na participação.<sup>80</sup>

Através do APL é possível fortalecer as relações políticas, superar as rixas arcaicas e provincianas que tanto causam subdesenvolvimento. É uma possibilidade real de estimular a todos na busca de melhorias para a população. E assim partir para outras etapas de envolvimento como se percebe a seguir:

Contribuir através da vigilância social para a ação transparente dos funcionários e autoridades públicas na elaboração e no cumprimento das normas, códigos e outros instrumentos que defendam os direitos dos consumidores e promovam as práticas do consumo ético.<sup>81</sup>

O interessante é que já temos um mecanismo que funciona em prol deste objetivo, o código do consumidor. A sociedade já dispõe de armas para lutar. O entrave está no desconhecimento destes mecanismos, a população não conhece, não luta, não sabe usar suas armas. Embora já tenhamos muitos casos onde o consumidor recorre aos seus direitos, mas ainda está no âmbito do interesse individual. Ainda é insipiente a população recorrer à lei em prol da sustentabilidade, por exemplo, ou de qualquer outro direito social e coletivo. Mas a lei é clara e vários órgãos podem ser acionados em prol do bom funcionamento dos bens coletivos, o que falta é a mobilização coletiva. Como vemos a seguir é possível recorrer aos

---

<sup>80</sup> APLs, p. 46.

<sup>81</sup> FRATEL, 2003, p. 52.

órgãos competentes para que se cumpram vários objetivos de acordo com o Código de Defesa do Consumidor:

Art. 106. O Departamento de Proteção e Defesa do Consumidor, da Secretaria de Direito Econômico (MJ), ou órgão federal que venha substituí-lo, é organismo de coordenação da política do Sistema Nacional de Defesa do Consumidor, cabendo-lhe:

I - planejar, elaborar, propor, coordenar e executar a política nacional de proteção ao consumidor;

II - receber, analisar, avaliar e encaminhar consultas, denúncias ou sugestões apresentadas por entidades representativas ou pessoas jurídicas de direito público ou privado;

III - prestar aos consumidores orientação permanente sobre seus direitos e garantias;

IV - informar, conscientizar e motivar o consumidor através dos diferentes meios de comunicação;

V - solicitar à polícia judiciária a instauração de inquérito policial para a apreciação de delito contra os consumidores, nos termos da legislação vigente;

VI - representar ao Ministério Público competente para fins de adoção de medidas processuais no âmbito de suas atribuições;

VII - levar ao conhecimento dos órgãos competentes as infrações de ordem administrativa que violarem os interesses difusos, coletivos, ou individuais dos consumidores;

VIII - solicitar o concurso de órgãos e entidades da União, Estados, do Distrito Federal e Municípios, bem como auxiliar a fiscalização de preços, abastecimento, quantidade e segurança de bens e serviços;

IX - incentivar, inclusive com recursos financeiros e outros programas especiais, a formação de entidades de defesa do consumidor pela população e pelos órgãos públicos estaduais e municipais.<sup>82</sup>

E no que diz respeito ao meio ambiente, o referido código cita no Art. 111. O inciso II do art. 5º da Lei nº 7.347, de 24 de julho de 1985, passa a ter a seguinte redação: “II - inclua, entre suas finalidades institucionais, a proteção ao meio ambiente, ao consumidor, ao patrimônio artístico, estético, histórico, turístico e paisagístico, ou a qualquer outro interesse difuso ou coletivo”.<sup>83</sup> Como se percebe, não estamos desamparados legalmente, mas o que falta é colocar em prática o grande aparato que dispomos.

Parece fácil fazer acontecer estas ações, mas fica sempre a impressão de que há um sujeito oculto responsável por estes atos. Então ficamos esperando e

<sup>82</sup> CÓDIGO De DEFESA DO CONSUMIDOR. Lei nº 8.078, de 11 de setembro de 1990. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/L8078.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L8078.htm)>. Acesso em: 04 jun. 2014.

<sup>83</sup> CÓDIGO De Defesa do Consumidor, 1990.

confiamos que existem muitos mecanismos legais e efetivos para fazer isso acontecer.

Criar redes – locais, regionais, nacionais e internacionais – de defesa do consumidor que: desenvolvam campanhas de denúncias sobre as empresas que exploram os trabalhadores e prejudicam a saúde e o meio ambiente, organizem boicotes coletivos a produtos nefastos ao consumo humano, apoiem e difundam os produtos que respeitem a justiça e a convivência do homem com a natureza.<sup>84</sup>

Todo este aparato de mecanismos necessários para o bom andamento de uma comunidade ocorre quando o grau de entendimento e de consciência do que está ocorrendo vai aumentando. A criação de redes não ocorre só porque as pessoas são exploradas e iludidas. Isso pode acontecer durante toda a vida e não haver mobilização nenhuma, mas quando alguns membros da comunidade acordam e começam a lutar, muitas vezes os próprios beneficiados são os primeiros a ficarem contra sua luta. Isso é um processo que requer algum tipo de formação, transformação no comportamento. Por isso acreditamos que não é possível a manutenção de uma luta sem uma forma de organização para dar apoio ou manter a fortaleza da luta. Se em uma comunidade local, regional ou nacional não surgirem estas formas de organização ela está fadada a demorar mais para sair de seu estado de letargia.

Destacamos algumas formas de organizações ou entidades com o intuito de exemplificar maneiras de formar redes, criar entendimento ou conhecimento para dar base àqueles que procuram lutar em prol da formação de mecanismos de defesa nas várias esferas do convívio social. Tomamos como sugestão para que se tenha apoio para a efetivação destes objetivos, o guia “Gestão do Conhecimento – Compêndio para Sustentabilidade: Ferramentas de Gestão de Responsabilidade Socioambiental”, que traz informações de uma variedade de fontes públicas.<sup>85</sup> Este guia contou com o apoio de várias entidades. Destacaremos algumas a título de justificativa da proposta acima citada:

O **Instituto AntaKarana** é uma organização não-governamental que tem sede em São Paulo. Surgiu a partir da necessidade de implementar e expandir as atividades de sua coirmã Antakarana Cultura, Arte e Ciência.

<sup>84</sup> FRATEL, 2003, p. 52-53.

<sup>85</sup> LOUETTE, Anne (Org.). *Gestão do Conhecimento*. Compêndio para a sustentabilidade: ferramentas de gestão de responsabilidade socioambiental. São Paulo: Antakarana Cultura Arte e Ciência, 2007.

O Instituto tem por objetivo incentivar e promover atividades, consultorias e publicações que contribuem para a expansão da consciência global e o desenvolvimento das relações humanas, mediante a priorização de conhecimento, metodologias e projetos integrados que conduzem a ajustes sociais, econômicos, educacionais, culturais e ambientais.<sup>86</sup>

Um dos problemas que fazem com que muitas organizações não funcionem bem, cumprindo suas missões é essa falta de incentivo, falta de conhecimento das metodologias. Quantas ONGs, Associações, sindicatos ou outras formas de organização são fundadas no Brasil que não conseguem cumprir os objetivos que defendem e que servem, basicamente, para fins de interesses e aproveitamento de particulares, trazendo descrença para quem seria de fato beneficiado. Muitas vezes essas entidades não deslançam por falta de conhecimento para acessar as metodologias que lhes dê rumo aos seus projetos.

Outra questão séria que compromete ainda mais as questões sustentáveis é a prática de atividades comerciais arcaicas distantes de uma visão mais abrangente e integradora que possibilite a ação inovadora em prol de ações que visem mais a qualidade de vida e diminuam a mentalidade acumulativa de bens econômicos daninhos. Uma entidade que pode estar apoiando e contribuindo para amenizar as dificuldades em se desenvolver um comércio que estimule a sustentabilidade é o CEBDS.

Fundado em 1997 e representante do World Business Council for Sustainable Development (WBCSD), o Conselho Empresarial Brasileiro para o Desenvolvimento Sustentável (CEBDS) tem a missão de Integrar os princípios e práticas do desenvolvimento sustentável no contexto de negócio, conciliando as dimensões econômica, social e ambiental. O CEBDS integra uma rede global de mais de 50 conselhos nacionais que estão trabalhando para disseminar uma nova maneira de fazer negócios ao redor do mundo.<sup>87</sup>

Acessar experiências que gerem negócios dentro desta postura é uma possibilidade e tem muita aceitação e as pessoas só não compram produtos provindos destas experiências porque desconhecem. Então a divulgação de uma instituição deste tipo ajuda muito a integrar e gerar culturas sustentáveis. Já há uma boa aceitação este tipo de produção.

---

<sup>86</sup> LOUETTE, 2007, p. 14.

<sup>87</sup> LOUETTE, 2007, p. 16.

Outra iniciativa louvável em promover o conceito de sustentabilidade que vem gerando suporte teórico e ajudará muitas empresas de pequeno porte que não têm acesso às inovações, ficando dependentes das grandes corporações, é a GVces criado pela FGV:

O **Centro de Estudos em Sustentabilidade** (GVces) é uma iniciativa da Escola de Administração de Empresas de São Paulo da Fundação Getúlio Vargas (FGV-EAESP) dedicado a disseminar o conceito de sustentabilidade. Sua missão é contribuir para a implementação do desenvolvimento sustentável em suas várias dimensões – equidade, justiça social, equilíbrio ecológico e eficiência econômica - através do estudo e da disseminação de conceitos e práticas. O GVces concentra sua atuação em três grandes áreas: Pesquisa, Capacitação e Comunicação.<sup>88</sup>

O GVces vem desenvolvendo os seguintes programas Sustentabilidade Global, Finanças Sustentáveis, Política e Economia Ambiental, Desenvolvimento Local, Consumo Sustentável, Formação Integrada. Estes programas estão focados em diferentes questões e desafios da sustentabilidade e são compostos por um ou mais projetos ligados a temas afins.

Uma das temáticas urgentes que necessita uma maior aplicação dela nas diversas ações relacionadas à sustentabilidade é a ética. O entendimento do que é ético deve ser acompanhado da atitude ética, isto é, sustentabilidade ou é ética ou não é. A ética está implícita no conceito de sustentabilidade. Não dá para se dizer sustentável e não ser de fato, pois é uma contradição performativa. A sustentabilidade não comporta contradição. A análise das questões éticas é parte dos objetivos do Instituto Ethos que destacamos como exemplo de estratégia na luta contra a degradação que estamos provocando como humanidade.

Fundado em 1998 e idealizado por empresários e executivos oriundos do setor privado, o **Instituto Ethos de Empresas e Responsabilidade Social** é uma organização não-governamental criada com a missão de mobilizar, sensibilizar e ajudar as empresas a gerir seus negócios de forma socialmente responsável, tornando-as parceiras na construção de uma sociedade sustentável e justa. O Instituto Ethos é um polo de organização de conhecimento, troca de experiências e desenvolvimento de ferramentas que auxiliam as empresas a analisar suas práticas de gestão e aprofundar seus compromissos com a responsabilidade corporativa.<sup>89</sup>

A questão da formação de redes para cobrar melhorias da produção requer conhecimento também de como e quais empresas estão trabalhando ajustadas aos

---

<sup>88</sup> LOUETTE, 2007, p. 17.

<sup>89</sup> LOUETTE, 2007, p. 19.

padrões de sustentabilidade. Através do consumo consciente, as empresas são motivadas a continuar ampliando suas formas de produção sustentáveis. Isso também é uma forma de boicote àquelas empresas que desprezam tais atitudes. Porém para que haja este tipo de discernimento é necessário educação de todos os lados, tanto do consumidor como dos empresários, para que aconteça o encontro de afinidades. Como exemplo de entidade preocupada com esta questão citamos, entre tantas, a FDC:

Criada em 1976, a **Fundação Dom Cabral** é um centro de desenvolvimento de executivos, empresários e empresas, que pratica o diálogo e uma escuta comprometida com as organizações, construindo com elas soluções educacionais integradas. A FDC tem a missão de contribuir para o desenvolvimento da sociedade por meio da educação e capacitação de executivos, empresários e empresas. Depois de formar milhares de executivos, em constante integração com as empresas, a FDC tornou-se referência nacional em seu setor, participando da melhoria do nível gerencial e do desenvolvimento empresarial brasileiro.<sup>90</sup>

A ação que é subjacente a todas estas iniciativas é a questão da comunicação, pois sem esta não tem como atingir o objetivo maior que é a aplicação do conceito, a atitude em prol das questões sustentáveis urgentes que nos cercam. Quando dizemos isto, estamos remontando à humanização, isto é, a um retorno do humano como ser que é sensível, um retorno àquilo que é essencial para vida, à beleza, ao natural de tudo que nos cerca.

Outro exemplo a considerar:

A **FIDES, Fundação Instituto Empresarial e Social**, instituída em 1986, é uma entidade privada de caráter educativo e cultural, sem fins lucrativos, visando a humanização das empresas e a sua integração com a sociedade, com base nos princípios éticos envolvidos nas relações entre empresa e seus diferentes públicos internos e externos. Coube à FIDES o privilégio de começar no Brasil a difusão e implantação do conceito de Balanço Social, colaborando para a primeira publicação no ano de 1986, realizado pela Nitrofértil.<sup>91</sup>

Citamos a FIDES acreditando que esta humanização só acontece de dentro para fora, do interior da classe empresarial e a partir dela brotar o anseio por um mundo sustentável, desenvolvendo a consciência de que ela é detentora de muitas transformações e que estas, sendo sustentáveis, podem lhe render lucros. Sendo

---

<sup>90</sup> LOUETTE, 2007, p. 20.

<sup>91</sup> LOUETTE, 2007, p. 21.

uma instituição empresarial, ela incorpora sua classe e pode leva-la a lutar mais e fazer mais em prol da sustentabilidade.

As classes, perante a luta pela sustentabilidade, não podem mais ser antagonistas e sim o contrário. Elas têm que unir forças e se completarem. Citamos a GIFE como um agente capaz de colaborar para este fim.

Fundado em 1995, o **GIFE** é a primeira associação da América do Sul a reunir empresas, institutos e fundações de origem corporativa ou familiar que praticam investimento social privado — repasse de recursos privados para fins públicos por meio de projetos sociais, culturais e ambientais, de forma planejada, monitorada e sistemática. Tem como objetivo contribuir para a promoção do desenvolvimento sustentável do Brasil, por meio do fortalecimento político-institucional e do apoio à atuação estratégica de institutos e fundações de origem empresarial e de outras entidades privadas que realizam investimento social voluntário e sistemático voltado para o interesse público.<sup>92</sup>

Uma carência que dificulta muito a aplicação do conceito de sustentabilidade é a dificuldade de atingir a base, a origem, o locus onde a insustentabilidade acontece. Isto porque as pessoas que são diretamente atingidas não tem ferramentas teóricas, entendimento, e capital para sair da situação. Nesta questão é necessário que surjam mais instituições como o GIFE, para apoiar, patrocinar, supervisionar e financiar ações de grupos que buscam saídas práticas para tentar resolver as problemáticas que enfrentam. Estas ações comunitárias podem beneficiar todos os aspectos humanizadores que, de alguma forma, foram citados no decorrer do texto até aqui e isto é um exercício de solidariedade que está cada vez mais difícil. Em muitos casos só ocorre quando alguma coisa afeta o conforto coletivo, as tragédias. Por isso somos levados a crer que é necessário:

Difundir as experiências de economia solidária que expressem práticas concretas de construção de relações de produção e troca justas, solidárias e sustentáveis. Desta maneira, na perspectiva da economia solidária, potencializar as opções éticas, facilitar as trocas e reestruturar as cadeias produtivas a partir do consumo.<sup>93</sup>

A combinação de forças entre as empresas e as organizações comunitárias é uma possibilidade de resolver os problemas que estão próximos do povo humilde que é o primeiro a sofrer a ação insustentável que a sociedade, como um todo, gera. É ele que tem capacidade de perceber as soluções mais simples e baratas para

---

<sup>92</sup> LOUETTE, 2007, p. 22.

<sup>93</sup> FRATEL, 2003, p. 53.

mudar atitudes. Nada mais justo que haja uma combinação de forças para que se feche um ciclo entre as classes, enquanto uma detêm o capital e a tecnologia e outra tem a experiência e o convívio com objetivos de amenizar situações insustentáveis. Tomemos como exemplo o caso do lixo que é o elo entre o consumismo e a natureza. O lixo tem um fator agregador e solidário, ele une as classes. “Impulsionar a educação do consumidor consciente em casa, na escola e na sociedade em geral. É necessário contrapor a cultura do consumo ético à cultura consumista”.<sup>94</sup> A luta é de todos, não dá mais para fazer segregação, separação de classes diante da luta pela sustentabilidade. Para superar este entrave contamos com o apoio do Instituto Akatu.

O **Instituto Akatu** é uma organização não-governamental, sem fins lucrativos. Foi criado em 15 de março (Dia Mundial do Consumidor) de 2001, no âmbito do Instituto Ethos de Empresas e Responsabilidade Social, para educar e mobilizar a sociedade para o consumo consciente. A palavra “Akatu” vem do tupi e significa, ao mesmo tempo, “semente boa” e “mundo melhor”. Ela traduz a idéia de que o mundo melhor está contido nas ações de cada indivíduo. A missão do Akatu é conscientizar e mobilizar o cidadão brasileiro para o seu papel protagonista, enquanto consumidor, na construção da sustentabilidade da vida no planeta.<sup>95</sup>

Uma das atitudes urgentes que temos que retomar é a valorização de nosso modo de produção tradicional, camponês; resgatar o mais rápido possível produtos resistentes à escassez, fáceis de produzir e de procedência diversificada. Em todas as regiões do Brasil são encontrados diversos produtos locais que sempre supriram as necessidades básicas. Porém são considerados sem importância devido à influência das grandes corporações e terminam sendo deixados à margem. No sertão nordestino temos como exemplo a rapadura, farinha de mandioca e carne de charque. Observando só a capacidade de resistência destes alimentos, perceberemos o alto grau tecnológico que eles agregam. E se combinarmos os três tanto no modo de conservação, quanto na alimentação, são imbatíveis. São capazes de durar anos, se bem acondicionados. Se retomarmos os conhecimentos das várias etnias que ainda resistem, veremos que “tais etnias camponesas possuem um riquíssimo patrimônio tecnológico, cuja deterioração provocou enormes custos ecológicos em numerosos países, especialmente no México e Peru”.<sup>96</sup> Há um legado cultural que os povos tradicionais trazem consigo que deve ser considerado em

---

<sup>94</sup> FRATEL, 2003, p. 53.

<sup>95</sup> LOUETTE, 2007, p. 23.

<sup>96</sup> LEFF, 2000, p. 115.

profundidade, estudado e implantado, resgatando e devolvendo para estes povos seu real valor. São eles que, literalmente, se mostram capazes de nos ensinar a aplicar o conceito de sustentabilidade.

Estas instituições podem promover a agregação de produtos tradicionais ao estilo moderno de consumo, incentivando, através de novos “designs”, o interesse tanto de produtores e compradores como de consumidores. Criar mecanismos de financiamentos destinados ao incentivo de produtores, de indústrias e da comercialização da produção em escala sustentável. Trabalhar para mudar o padrão de consumo. Seguir a correnteza com o que se tem de peculiar, promovendo o potencial de cada lugar. Isso não significa ir de encontro ao sistema global, mas beneficiar-se dele. Criar mecanismo de incentivo para que os produtores tradicionais sintam-se estimulados e orgulhosos do que fazem. Pois o que se vê é desânimo e descrédito na política e nos governos. Um sentimento de apatia, desorganização comunitária e desânimo daqueles que resistem às dificuldades. Estas são as características do atual momento. Então, uma das maiores contribuições destas organizações é resgatar a autoestima do produtor tradicional, divulgar e agregar valores para que motive a produção contínua.



### **3 QUEM ANDA PARA TRÁS É CARANGUEJO OU SOMOS NÓS?**

#### **3.1 Cadeia produtiva do caranguejo e o seu catador: Quanta dor!**

Destacamos como um saber tradicional a cata, o consumo e a comercialização do caranguejo na região do delta do rio Parnaíba. Onde catador, caranguejo e meio ambiente mantêm uma relação de interdependência muito tênue e arriscada. Carecendo de uma atenção urgente para não cair nos riscos da degradação. Pois diante da proposta de industrialização e da valorização de toda a cadeia de produção do caranguejo, o que de fato vem ocorrendo é o fracasso do projeto proposto.

Ao abordar esta temática optamos por destacar algumas características sobre a cadeia produtiva do caranguejo e sobre as condições humanas dos catadores na relação com a espécie biológica que pode ser um termômetro de sustentabilidade na região do Delta do Rio Parnaíba.

Tomamos como referência estudos feito através do “Projeto-piloto de industrialização do caranguejo-uçá no território da planície litorânea do Parnaíba, nos estados do Piauí e do Maranhão”.<sup>97</sup> A região do Delta do Parnaíba, localizada na divisa dos estados do Maranhão e Piauí, é a principal região produtora do Caranguejo-uçá do Nordeste do Brasil, com cerca de 20 milhões de unidades por ano, e emprega aproximadamente 4,5 mil catadores.

A maior parte desta produção extraída na região é transportada para o mercado de Fortaleza - CE, Teresina-PI e cidades vizinhas. Os caranguejos são transportados vivos e muitos chegam mortos ao seu destino devido à forma inadequada de acondicionamento e transporte. Estes são dados obtidos a partir do estudo citado acima.

Destacamos como recorte de pesquisa, estudos bibliográficos relativo à área do Delta do Parnaíba, bem como outras fontes relacionadas com o tema abordado.

O Delta do Rio Parnaíba é considerado o terceiro maior do mundo e o único encontrado no Continente Americano a desaguar diretamente no oceano,

---

<sup>97</sup> ASSAD, Luis Tadeu. *Industrialização do caranguejo-uçá do Delta do Parnaíba*. Brasília: Codevasf, IABS, 2012. p. 14.

possui uma ampla área de cobertura com cerca de 2.750 Km<sup>2</sup>, e é caracterizado como um complexo mosaico de ecossistemas entrecortados por baías e estuários. Situado entre os Estados do Piauí e Maranhão, caracteriza-se como uma região fluvio-marinha bastante dinâmica formada pela tensão ecológica entre as formações de Cerrado, Caatinga e Sistemas marinhos. Devido à sua alta produtividade primária é considerado como um santuário reprodutivo para inúmeras espécies migratórias.<sup>98</sup>

O Delta do Rio Parnaíba é o maior delta em mar aberto das Américas e é uma dessas áreas que conservam um verdadeiro santuário ecológico e uma vasta gama de saberes tradicionais que vêm sendo acumulado desde os antepassados indígenas que habitaram a região até os dias atuais. Abriga uma rica fauna e flora flúvio-marinha que, somada aos saberes locais, formam um cenário único.

Trata-se de saberes que vêm se acumulando a partir de então, sendo somados com o conhecimento do colonizador e com a cultura africana tornam-se muito influente na região.

As comunidades de pescadores artesanais do litoral nordestino são populações tradicionais formadas pela miscigenação de indígenas, colonizadores portugueses e escravos africanos. Essas populações têm uma relação bem peculiar com a natureza, fruto da prática de uma pescaria em "mar aberto", com o uso de jangadas ou canoas à vela. Suas tradições e costumes foram mais influenciados pela cultura africana do que pela colonização portuguesa. Reproduzem historicamente seu modo de vida, de forma mais ou menos isolada, com base na cooperação social e relações próprias com o meio ambiente.<sup>99</sup>

Dentro deste ambiente de grande importância ecológica encontra-se uma população que sabe conciliar toda esta riqueza natural com sua pobreza social e intelectual a ponto de conciliar seus saberes tradicionais integrados ao meio com os apelos da modernidade consumista degradante numa luta simbiótica na busca de preservar e ao mesmo tempo usar esta riqueza de forma sustentável.

O delta, propriamente dito, começa a ser formado a 30 Km do oceano, onde bifurca-se o rio Parnaíba, dando origem ao rio Igarçu em sua margem direita. Este, após percorrer 21 Km, passando pelo município de Parnaíba, forma seu estuário próximo ao município de Luis Correia, onde desemboca no oceano Atlântico. Formam-se, então, os rios Canárias, Melancieiras, Caju e Tutóia, no extremo Oeste. Em ordem decrescente de fluxo, estão, o rio Canárias, Caju, Tutóia, Igarçu e Melancieiras. Desde a desembocadura

---

<sup>98</sup> GUZZI, Anderson (Org.). *Biodiversidade do Delta do Parnaíba: litoral piauiense*. Parnaíba: EDUFPI, 2012. Prefácio.

<sup>99</sup> ALVES, Maria da Conceição Araújo. Sabores do Delta: as tradições e as espécies capturadas pela pesca artesanal do Delta do Rio Parnaíba. In: *LEGAT*, Jéfferson Francisco Alves (Org.). *Teresina: Embrapa Meio-Norte*, 2010. p. 18.

do rio Igarau até a desembocadura do rio Tutóia, a distância é de 90 Km.<sup>100</sup>

A Reserva Extrativista Marinha do Delta do Parnaíba é uma unidade de conservação federal do Brasil categorizada como reserva extrativista e criada por Decreto Presidencial em 16 de novembro de 2000 numa área de 27.021 hectares nos estados do Maranhão e Piauí.

O Delta do Parnaíba localiza-se dentro da sub-região do nordeste brasileiro denominada Meio-Norte que é a zona de transição entre o sertão e a Amazônia, com uma formação vegetal rica em palmeiras chamada Mata dos Cocais, composta de Carnaubais e Babaçuais. Sendo área de transição, torna-se também o ponto de encontro de vários biomas formando um espaço único no planeta, pois unifica uma grande biodiversidade que provém da caatinga, do cerrado e dos mangues.

A região Meio-Norte do Brasil, compreendida pelos estados do Piauí e Maranhão, apresenta características geográficas intermediárias entre a Amazônia, o Nordeste e o Brasil Central. Engloba um conjunto de ecossistemas complexos com uma grande riqueza de recursos naturais originada da interpenetração da floresta equatorial com os ecossistemas de Caatinga, Cerrado, Manguezal e Restinga.<sup>101</sup>

Citamos algumas destas características geográficas da região para focarmos apenas na área de manguezal do Delta que é o ambiente onde habita o caranguejo e onde se dá o encontro com homem catador, espaço onde termina o ciclo de vida de um e começa a sobrevivência do outro. Existem alguns aspectos antagônicos que unem estes dois seres. Este crustáceo é simbolicamente parecido com o catador do Delta. Enquanto o caranguejo vive atolado na lama e sai para viver e se alimentar, o catador que vive atolado na vida e sai para a lama para sobreviver. Ambos se relacionam na lama e se encontram no intuito de sobreviver e nesta luta antagônica ambos deslizam e se encontram e, ao mesmo tempo, dependem da sustentabilidade para não se extinguirem. O caboclo nativo já vive neste ambiente em harmonia há séculos, neste meio que age sem nada faltar para ele. Porém, com as interferências externas e a demanda comercial pelo caranguejo vem ocorrendo choque nesta antiga harmonia. Antagonicamente, esta relação pode findar. Nesta analogia entre “homem catador” e caranguejos, podemos destacar que caranguejos:

---

<sup>100</sup> GUZZI, 2002, p. 116-117.

<sup>101</sup> ALVES, 2010, p. 15.

São crustáceos com dez patas e abdômen completamente dobrado por baixo do cefalotórax, com a parte central do corpo revestida por uma carapaça. O primeiro par de patas tem duas pinças ou quelas dimórficas, usadas para capturar, cortar e triturar presas e para defesa.<sup>102</sup>

Já o povo nativo ou aquele que é denominado catador de caranguejo, “são homens que vivem da coleta do caranguejo nos manguezais durante a baixamar, utilizam instrumentos rústicos por eles adaptados e técnicas manuais como braceamento e o tapeamento”.<sup>103</sup> São homens que vivem e sobrevivem da lama, que quando em atividade de catadores enfiados na lama e, no meio das raízes, sua aparência de longe parece um grande caranguejo enlameado, ou algo mais, como bem dizia Josué de Castro em seu livro *Homens e Caranguejos*:

A impressão que eu tinha era que os habitantes dos mangues - homens e caranguejos nascidos à beira do rio - à medida que iam crescendo, iam cada vez se atolando mais na lama. Parecia que a vegetação densa dos mangues, com seus troncos retorcidos, com o emaranhado de seus galhos rugosos e a densa rede de suas raízes perfurantes os tinha agarrado definitivamente como um polvo, enfiando tentáculos invisíveis por dentro de sua carne, por todos os buracos de sua pele: pelos olhos, pela boca, pelos ouvidos.<sup>104</sup>

A situação resultante do encontro entre caranguejo e catador já vem extrapolando os limites da sobrevivência de ambos, pois fatores externos causam pressão e geram a necessidade de cuidados urgentes. O caranguejo vem sendo explorado demais, o tempo para seu desenvolvimento é difícil para ser respeitado, a captura é muito brutal, o transporte é inconveniente e a mortandade é muito elevada mesmo depois de capturado. As condições que geraram situações de insustentabilidade da espécie começam já na captura, se não for respeitado o tamanho e as fêmeas, e se não tiver o cuidado para não ferir o crustáceo logo no início da exploração, pois quando é usada uma arte de ferro chamada de cambito a possibilidade de morte logo na captura é maior. Estamos colocando isso para que se entenda que o consumo do caranguejo ocorre se o animal estiver vivo, se não ele é descartado. Como Deolindo Moura Neto, chefe da Resex-Delta do Parnaíba, em sua fala do minuto 3:58 até 4:16 no vídeo Caranguejo-uçá, comenta sobre o processo da captura:

---

<sup>102</sup> ASSAD, 2012, p. 19.

<sup>103</sup> BARBOSA, A. G. P. *et al.* A importância do turismo na vida dos caranguejeiros no município de Parnaíba PI. Seminário Internacional de Turismo Sustentável, Anais 2, Fortaleza/CE, maio/2008.

<sup>104</sup> CASTRO, Josué. *Homens e Caranguejos*. São Paulo: Brasiliense, 1967. p. 13.

Começa com o catador de caranguejo lá, até o modo de pegar o caranguejo, de braceamento ele não [deve] utilizar muito o cambito, que é uma arte [de ferro], é permitido mas que, de certa forma, também fere o caranguejo e que isso já um motivo para causar a morte do caranguejo.<sup>105</sup>

Percebemos que, dentro desta prática que vem sendo bastante debatida e relacionada com as condições de sustentabilidade, é preciso antes de citarmos alguns dos fatores problemáticos dessa cadeia produtiva, que se reflita sobre a importância dela e sobre as condições da população que sobrevive desta prática. “A cadeia produtiva do caranguejo-uçá é de fundamental importância para significativa parcela de trabalhadores e para diversas comunidades do litoral dos estados do Piauí e do Maranhão e para mercados abastecidos por caranguejos daquela região”.<sup>106</sup> Segundo relatório do IBAMA (2002), a cata de caranguejo beneficia muitos catadores na região do Delta do Rio Parnaíba.

Segundo dados publicados pelo IBAMA, existem cerca de 2.500 catadores de caranguejo no Piauí. Em razão da elevada importância da pescaria no litoral do Estado, foi realizado um diagnóstico socioeconômico dos catadores por meio da aplicação de 300 questionários em todos os municípios costeiros (Ilha Grande do Piauí, Parnaíba, Luís Correia e Cajueiro da Praia).<sup>107</sup>

Com base nestes dados chamamos a atenção para uma questão que antecede toda essa problemática relacionada à sustentabilidade e ao caranguejo que estamos abordando:

Como fazê-lo para beneficiar a todos os seres vivos e principalmente os seres humanos com um bem-viver suficiente e decente, de tal forma que a curto, a médio e longo prazos, possamos manter o capital vital de Mãe Terra, necessário para as presentes e futuras gerações?<sup>108</sup>

Se a grande maioria ainda não se enquadra nem na legislação como pescador, isso porque não estão organizados e nem registrados, estas condições humanas ainda difíceis de serem resolvidas, são fundamentais para começar a se chegar à sustentabilidade.

<sup>105</sup> UÇA - Mangues do Piauí/ Parte 1. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=uvZXn8HZPM>>. Acesso em: 20 jul. 2014.

<sup>106</sup> ASSAD, 2012, p. 20.

<sup>107</sup> PERFIL sócio-econômico catador. Disponível em: <<http://www.infoteca.cnptia.embrapa.br/bitstream/doc/68104/1/perfilcatador.pdf>>. Acesso em: 30 jul. 2014.

<sup>108</sup> BOFF, 2012, p.131.

No Piauí 65,3% não participam de nenhuma forma de organização, 23% participam de colônia, 7,3% participam de sindicatos, 4,3% participam de associação/cooperativa. A única cooperativa de catadores existente no estado do Piauí é sediada no município de Ilha Grande. No Maranhão, 51% não participam de nenhuma forma de organização, 41,7% participam de colônias, e 7,3% participam de associação.<sup>109</sup>

O baixo nível organizacional dificulta muito, tanto na melhoria das condições socioeconômicas do catador como na fiscalização da atividade. O trabalho é praticado de forma precária e vem passando de pais para filhos, caracterizando uma atividade familiar. Trabalham sujeitos à contaminação, cortes na pele, doenças pulmonares, doenças de pele, enfim em péssimas condições de salubridade.

Normalmente, se expõem a condições de trabalho rudimentares e muito insalubres. Expostos ao sol, inclusive nos horários mais críticos, e à ação de insetos, não dispõem de indumentárias adequadas e de alimentação de qualidade e em quantidade compatíveis com suas necessidades. Os catadores trabalham em contato direto com a lama do mangue por várias horas seguidas, estendendo-se no chão sem um mínimo de proteção contra a umidade.<sup>110</sup>

Quanto à escolaridade, a maioria dos catadores de caranguejo é de analfabetos ou com poucos anos de estudo, não completando o ensino fundamental. Além disso, os rendimentos obtidos com essa atividade são baixos e dependem de períodos do ano, precisam ser complementados com outras atividades, tais como a agricultura, pesca convencional ou ajuda dos programas do governo.

Além da cata do caranguejo, 38,8 % dos entrevistados afirmaram pescar outras espécies para completar a renda familiar. A renda mensal de mais de 65 % é menor que um salário mínimo. A renda familiar de cerca de 60 % dos catadores de caranguejo é obtida apenas pelo seu trabalho, enquanto os outros 40 % contam com o auxílio da esposa ou companheira e dos filhos. Aproximadamente 50 % dos catadores entrevistados não são beneficiados por programas governamentais, 22 % são beneficiados pelo bolsa-escola, 18,3 % pelo bolsa-família, 2,7 % pelo bolsa-escola e pelo bolsa-família, 5 % são beneficiados por outros programas e 2 % não responderam.<sup>111</sup>

Então, como vencer tantos obstáculos humanos?

<sup>109</sup> ESTUDOS Direcionados ao Extrativismo do Caranguejo-uçá na Área de Proteção Ambiental do Delta do Rio Parnaíba. Disponível em: <[www4.icmbio.gov.br/cepene/download.php?id\\_download=450](http://www4.icmbio.gov.br/cepene/download.php?id_download=450)>. Acesso em: 30 jul. 2014.

<sup>110</sup> ASSAD. 2012, p. 21

<sup>111</sup> PERFIL Sócioeconômico Catador. Disponível em: <<http://www.infoteca.cnptia.embrapa.br/bitstream/doc/68104/1/perfilcatador.pdf>>. Acesso em: 30 jul. 2014.

### 3.2 Sustentabilidade local ou princípio do fim?

O que vem sendo feito por algumas instituições para tentar implantar a cultura da sustentabilidade dentro da cadeia produtiva do caranguejo? Os indícios contrários à manutenção da espécie já são perceptíveis através da redução do peso e tamanho dos caranguejos capturados e os catadores não têm mais tanta facilidade de capturar como ocorria antes. Entre estes, existem outros fatores que causam danos socioeconômicos e ambientais na cadeia produtiva do caranguejo-uçá: “Captura e manuseio incorretos, transporte inadequado, falta de uma regulamentação e fiscalização para esta atividade”.<sup>112</sup>

Com base em estudos realizados pela Embrapa Meio Norte com sede em Teresina, Pi que vem trabalhando desde 2002 nas comunidades de catadores de caranguejo, realizando pesquisa e transferindo tecnologia, além de trabalhar a questão da educação ambiental da região Meio-Norte do Brasil. É notória e urgente a necessidade de se implantar práticas de sustentabilidade nesta região, como observamos, em relação à extração do caranguejo.

Pelo exposto, torna-se evidente que, para tornar sustentável a atividade extrativista do caranguejo-uçá nessa região, é necessário reduzir as perdas de caranguejo através da melhoria dos métodos de captura, manuseio e transporte. Dentro desse contexto, a Embrapa Meio-Norte desenvolveu projetos financiados pela PETROBRAS, Banco do Nordeste e Secretaria Especial de Aquicultura e Pesca da Presidência da República (SEAP-PR), visando desenvolver uma metodologia de captura, estocagem e transporte, reduzindo as taxas de mortalidade na cadeia produtiva.<sup>113</sup>

Uma questão de fundamental importância foi pesquisar formas de amenizar os danos na cadeia produtiva do caranguejo. Segundo o Pesquisador da Embrapa/Meio-Norte, Jefferson Francisco Alves Legat em sua fala:

Na região Meio-Norte nós calculamos uma captura de cerca de 20 milhões de caranguejos por ano, desse total, a maior porcentagem é transportada para as cidades de Fortaleza-Ce e Teresina-Pi. Sendo que tem uma perda de 40 a 60%, desde a captura até a entrega do produto ao consumidor final. Então para reduzir estas perdas, que giram em torno de 10 milhões de

---

<sup>112</sup> Dia de Campo na TV - Sustentabilidade da pesca do caranguejo-uçá: parte1. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=cGkT5y2LWY8>>. Acesso em: 29 jul. 2014.

<sup>113</sup> LEGAT, Angela Puchnick [et al.]. *Caranguejo-uçá: métodos para captura, estocagem e transporte*. Teresina: Embrapa Meio-Norte, 2006. p. 14.

caranguejos por ano, nós estamos trabalhando numa pesquisa de métodos de captura e transporte de caranguejos.<sup>114</sup>

Com base nestas pesquisas a Embrapa vem desenvolvendo técnicas para tentar mitigar danos maiores dentro da cadeia produtiva. A preocupação inicial é tentar implantar melhores mecanismos para melhorar a exploração desta cadeia.

“Para a determinação de uma metodologia de captura, manuseio, estocagem e transporte de *U. cordatus* com baixa taxa de mortalidade, foram testados três métodos de captura, três métodos de estocagem e quatro métodos de transporte”.<sup>115</sup> Vamos destacar algumas das informações que resultam das pesquisas da Embrapa Meio-Norte no que diz respeito a estas metodologias. Destacamos na citação seguinte os três métodos testados com a descrição de suas características:

O método de captura I constituiu-se do uso de 900 armadilhas confeccionadas com latas de óleo, tiras de borracha e pedaços de madeira. As armadilhas foram colocadas nas entradas das tocas e as folhas de árvores de manguezal serviram como isca. As capturas foram efetuadas por catadores profissionais, com o acompanhamento da equipe técnica do projeto, sendo as armadilhas dispostas durante a maré baixa na entrada das tocas que apresentavam rastros e coletadas na maré baixa seguinte. Uma vez que a utilização de armadilhas é proibida, a análise desse método foi conduzida em parceria com o IBAMA, utilizando armadilhas apreendidas. No método de captura II, foi utilizado o "cambito", petrecho confeccionado com um vergalhão de ferro cuja extremidade forma um gancho. A ponta com o gancho é inserida na toca e utilizada para conduzir ou puxar os caranguejos para o exterior. O método de captura III foi o "braceamento", no qual o catador insere o braço na toca dos caranguejos durante o período de maré baixa, retirando-os apenas com a mão.<sup>116</sup>

As pesquisas indicam que a captura através da armadilha de PVC é a mais eficiente para manter a sustentabilidade da espécie, porém ainda não é a mais utilizada. O método mais utilizado continua sendo o braceamento e o cambito, que são muito danosos e causam muita mortalidade logo no início da exploração, como podemos confirmar através da avaliação dos métodos de captura.

Após um período de aproximadamente 48h, os caranguejos capturados pelo método de captura I (armadilhas) apresentaram taxas de mortalidade entre 0 e 2,5 %; os caranguejos capturados pelo método de captura III (braceamento) apresentaram taxas de mortalidade entre 0% e 5% e as

<sup>114</sup> Dia de Campo na TV - *Sustentabilidade da pesca do caranguejo-uçá*: parte1. Min. 01:57 a 02:22. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=cGkT5y2LWy8>>. Acesso em: 29 jul. 2014.

<sup>115</sup> LEGAT, 2006, p. 15.

<sup>116</sup> LEGAT, 2006, p. 16.

taxas de mortalidade dos caranguejos capturados pelo método de captura II (cambito) foram entre 13% e 47%.<sup>117</sup>

Logo após a captura começa o manuseio dos caranguejos que são selecionados para a venda. Este processo é feito da seguinte forma:

Os caranguejos extraídos dos mangues são amarrados em conjuntos de quatro indivíduos, denominados “cordas”, que são agrupadas em dez unidades, formando o que é conhecido localmente como “cambada”. Após a captura, os caranguejos ficam expostos ao sol, a altas temperaturas, sendo umedecidos com frequência e cobertos com folhagens extraídas do mangue.<sup>118</sup>

O conjunto de dez “cordas” denominado “cambada” é o princípio do processo de transporte. É a preparação para a saída do ambiente natural do caranguejo, o mangue. Esse manuseio inicial se dá através de amarrados que vão amontoando as “cambadas” para serem transportados inicialmente em embarcações que levam até o porto mais próximo para serem comercializados. A partir destes portos se dá a distribuição do produto que ocorre das mais diferentes formas possíveis: no ombro pendurado em um bastão de madeira com peso igual em cada lado, na garupa de bicicletas, em carro-de-mão, em carroças, em carrocerias de carros e outras formas. Aqui percebemos que o processo de transporte talvez seja um dos mais danosos para a sustentabilidade desta cadeia. Fica difícil medir o índice de mortalidade do animal nestas variadas modalidades de transporte. A Embrapa tem pesquisado formas de amenizar a mortalidade e de melhorar as condições de chegada deste produto ao consumidor final.

O processo de deterioração dos caranguejos vivos continua nos portos com sua transferência para caminhões que realizam o transporte a Teresina, Fortaleza e outras localidades intermediárias. Os caminhões são carregados com cerca de três ou mais toneladas de caranguejo, amontoados em pilhas de aproximadamente 1,8 m, cobertos por lona, sem nenhum tipo de refrigeração, e são transportados por cerca de 350 a 500 km até as cidades de destino. Essas formas de manejo e transporte provocam desidratação, perdas de patas e mortalidade estimada entre 40% e 60% (Legat et. al, 2006), situação inaceitável e incompatível com um sistema de exploração sustentável.<sup>119</sup>

Com estas práticas comuns, apreendidas no decorrer desse processo de exploração dos recursos naturais ao bel prazer dessa cadeia de comercialização,

---

<sup>117</sup> LEGAT, 2006, p. 19.

<sup>118</sup> ASSAD, 2012, p. 22-23.

<sup>119</sup> ASSAD, 2012, p. 23.

fica difícil a implantação das mudanças de novas técnicas propostas pelos órgãos que vem trabalhando com esta problemática. Por isso é difícil implantar consciência. Falta fiscalização e mais empenho governamental. Como podemos deduzir a partir da citação a seguir:

Apesar da conscientização que ocorre na região sobre a manipulação inadequada do caranguejo vivo, o costume e a falta de normas fazem com que essa situação seja considerada normal, sinal da elevada concentração do comércio do caranguejo nas mãos de poucos atacadistas, que manejam esse mercado aos seus próprios arbítrios e conveniências.<sup>120</sup>

Com relação a estes problemas, as pesquisas sobre os métodos de estocagem também apontaram saídas animadoras como podemos ver através dos testes já realizados:

No método de estocagem I, os caranguejos foram dispostos em "cordas" e "amarrados", sendo as "cordas" um conjunto de quatro caranguejos presos uns aos outros por fios de palha e os "amarrados" um conjunto de dez cordas. No método de estocagem II, os caranguejos dispostos em "cordas" e em "amarrados" foram acondicionados em caixas e cestos e no método de estocagem III, os caranguejos foram acondicionados soltos no interior de caixas plásticas e de cestos de jacá.<sup>121</sup>

No primeiro método, o que é praticado tradicionalmente, fica fácil perceber seus danos, pois é o que de fato acontece. Qualquer melhoria servirá para amenizar o problema resultante dele. A avaliação dos resultados obtidos demonstra que:

A utilização do método tradicional de estocagem. Método de estocagem I, no qual os caranguejos foram dispostos em "cordas" e "amarrados", foi considerado o pior entre os três tratamentos utilizados. Acondicionados dessa forma, os caranguejos apresentam comportamento mais agressivo, sendo comum um animal ocasionar a morte de outro através de perfurações ou retirada de apêndices. A desvantagem do método reside ainda na ocorrência de ressecamento das brânquias, pela exposição dos indivíduos ao vento e ao sol e de esmagamento das carapaças devido ao peso exercido pelos caranguejos dispostos nas camadas superiores sobre aqueles dispostos nas camadas inferiores.<sup>122</sup>

A questão da sustentabilidade para ser alcançada passa por um processo longo e intensivo que requer muito esforço e empenho de pessoas que ocupam cargos estratégicos nas instituições responsáveis para que ela aconteça com mais rapidez. Além destes problemas apontados até agora, é preciso que se diga o que

---

<sup>120</sup> ASSAD, 2012, p. 23-24.

<sup>121</sup> LEGAT, 2006, p. 17.

<sup>122</sup> LEGAT, 2006, p. 21.

estas instituições vêm pesquisando e fazendo para mitigar ou amenizar o problema da estocagem para o transporte do caranguejo, pois este animal e os produtos derivados dele são muito perecíveis.

Estudos realizados pela EMBRAPA Meio Norte apresentam como alternativa para o transporte dos animais vivos a utilização de caixas de plástico (monoblocos) com esponjas úmidas (Legat, 2007). A utilização desta simples tecnologia evitaria a desidratação dos caranguejos e proporcionaria melhores temperaturas durante o traslado, com consequentes melhoras nos índices de sobrevivência e no rendimento do produto. Ainda que o emprego desse tipo de caixa possa apresentar impacto no custo do transporte, essa solução tecnológica é muito apropriada para transportes de caranguejos vivos a grandes distâncias.<sup>123</sup>

Com a mudança da prática antiga de transportar o caranguejo para a utilização das caixas com esponjas úmidas, a mortalidade cai em grandes proporções e começa a se amenizar talvez o mais danoso dos problemas dentro da cadeia produtiva desta espécie. Porém a simples mudança desta técnica não garante que seja efetuada a mudança dos hábitos antigos, justamente por isso é necessária fiscalização e para isso é preciso interesse e estrutura por parte dos órgãos governamentais.

### **3.3 Sustentabilidade e saberes locais**

A ineficácia das ações de sustentabilidade é fruto do distanciamento entre aqueles que deveriam praticá-la e aqueles que dizem como praticá-la. Diante de tantos desmandos que estão acontecendo neste início de século XXI, de tanta teoria inócua e de tanta valorização dos aspectos econômicos como fundamento das ações, fica difícil acreditarmos que algo pode ser feito em prol do bem comum. Falar em sustentabilidade causa até um constrangimento inconsciente porque não deixa de parecer mais uma forma oportunista desprovida de essência em prol de mais um benefício qualquer. “A sustentabilidade só pode ser avaliada se o desempenho econômico e a qualidade de vida também puderem ser medidos com novas ferramentas, que nada têm a ver com os atuais PIB e IDH”.<sup>124</sup> Num contexto em que a base de quase todas as nossas ações e onde os primeiros parâmetros são as questões materiais e econômicas fica difícil pensar em sustentabilidade sem correr o risco de cair em dois fossos irracionais: pessimismo catastrófico e a utopia barbárie

---

<sup>123</sup> ASSAD, 2012, p. 26.

<sup>124</sup> VEIGA, 2010, p. 113.

ou ainda, a mais rejeitada pela lógica científica, a dimensão espiritual. O que Boff diz: “o espírito em nós é aquele momento da consciência em que ela sabe de si mesma, sente-se parte de um todo maior e percebe que um Elo misterioso liga e religa todos os seres, fazendo que haja um cosmos e não um caos”.<sup>125</sup>

### 3.3.1 O defeso

O defeso é um dos mecanismos implantados pelos órgãos governamentais para tentar controlar a extração desenfreada do caranguejo e de outras espécies. Com esta atitude os pescadores e catadores são forçados pela lei a preservar e a conservar o que ainda resta.

A forma mais tradicional para se evitar o colapso de recursos pesqueiros é o estabelecimento de defeso para a espécie-alvo no período de reprodução, ou seja, proibir a captura enquanto ocorre a reprodução. Quando o defeso tem duração de 4 meses, os pescadores que estão em dia com sua documentação recebem seguro desemprego para assegurar a renda familiar.<sup>126</sup>

Ao criar mecanismos de defesa para que o caranguejo se reproduza, estabelece-se um tempo para que a natureza possa manter o curso de existência da espécie, embora saibamos que este tempo não é suficiente para recuperar os danos que a voracidade humana vem causando sobre os ecossistemas. É por isso que as entidades governamentais vêm atuando para que se faça cumprir o período estabelecido. Segundo Antônio Pereira da Silva, chefe do IBAMA – PI:

Até o exercício de 2009 a regulamentação do defeso do caranguejo no litoral brasileiro era atribuição do Ibama. Com a criação do Ministério da Pesca no ano de 2009 saiu um decreto presidencial e passou essa atribuição para o Ministério da Pesca em conjunto com o Ministério do Meio Ambiente.<sup>127</sup>

Para fundamentar este período foram considerados vários estudos e implantada legislação que vem:

---

<sup>125</sup> BOFF, 2012, p. 91.

<sup>126</sup> CARANGUEJO-UÇA: período de defeso durante o evento reprodutivo. Disponível em: <<http://www.infoteca.cnptia.embrapa.br/simple-search?query=caranguejo>>. Acesso em: 25 set. 2014.

<sup>127</sup> Dia de Campo na TV - Sustentabilidade da pesca do caranguejo-uçá: parte1. Min. 1:35 a 2:32. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=cGkT5y2LWY8>>. Acesso em: 29 jul. 2014.

Considerando as recomendações do Centro de Pesquisa e Gestão de Recursos Pesqueiros do Litoral Nordeste - CEPENE, do Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade -ICMBio, no Ofício nº. 91 de 10 de novembro de 2009, relativas aos períodos de "andada" do caranguejo-uçá (*Ucides cordatus*) nos Estados do Pará, Maranhão, Piauí, Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba Pernambuco, Alagoas, Sergipe, no ano de 2011; e, Considerando o que consta no Processo do Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis IBAMA/Sede no 02001.009707/2002-77, resolvem:

Art.1º Proibir a captura, transporte, beneficiamento, industrialização e comercialização de qualquer indivíduo da espécie *Ucides cordatus*, conhecido popularmente como caranguejo-uçá, nos Estados do Pará, Maranhão, Piauí, Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco, Alagoas, Sergipe e Bahia, nos meses de janeiro, fevereiro, março e abril, durante os dias de "andada".<sup>128</sup>

Esta medida é de grande valia para o fortalecimento da sustentabilidade local, pois os órgãos responsáveis tem competência para fazer valer este princípio. A lei é uma prerrogativa essencial para este fim, já que em muitos casos ainda se luta pela implantação de legislações para se efetivar algumas ações. Por esta razão citamos este fator em primeiro lugar e elegemos os seguintes como sendo parte de um todo que precisam ser implementados.

### 3.3.2 Saberes, fazeres e sabores locais

Embrenhado nas diversas comunidades do Delta existe um vasto leque de saberes que pouco se tem valorizado, carecendo de maior atenção e um olhar mais apurado para perceber a importância de se fazer um apanhado dos aspectos que o tornem mais valorizado.

Junto à riqueza da biodiversidade aquática e à tradição pesqueira no Delta do Rio Parnaíba e águas costeiras adjacentes, há uma diversidade cultural vinculada à culinária que remonta a muitas décadas de conhecimentos das comunidades locais. Como por exemplo, o Povoado de Carnaubearas, Município de Araiões, MA, considerada a maior comunidade de catadores de caranguejo da região Nordeste<sup>129</sup>.

Esta diversidade ajuda a manter a harmonia e a unidade da cadeia da vida responsável pela riqueza, que muitos só a veem pela óptica do capital, do lucro, não percebendo o valor imaterial encharcado no modo de ser do povo. A diversidade cultural é tão forte que se torna uma, tão incorporada na vida, que é quase

<sup>128</sup> INSTRUÇÃO normativa interministerial nº 1, de 13 de janeiro de 2011 a ministra de estado da pesca e aquicultura e a ministra de estado do meio ambiente. DOU sessão 01 de 14/01/2011.

<sup>129</sup> ALVES, 2010, p. 17.

imperceptível para quem nela está imersa. É quase impossível fazer uma separação deste ou daquele elemento que provenha dos três povos que compõem esta miscigenação. Porém arriscamos afirmar que talvez os elementos mais determinantes e resistentes tenham sido aqueles saberes e fazeres mais ligados à sobrevivência e ao sofrimento. Com base nesta observação destacamos como elemento marcante os saberes ligados à adaptação ao meio natural, tais como o aproveitamento da madeira na construção de embarcações, a utilização do vento através da utilização de velas para ir e vir ao alto mar, a capacidade de conviver em contato constante com a água. Quanto aos fazeres temos a culinária, o alimento, a comida. Embora, não sendo este fator um elemento imaterial, ele é ideal, ou seja, idealizado a partir do meio ambiente na busca da sobrevivência. Talvez por conta disto o povo africano tenha sido o que mais influenciou nestes conhecimentos, por conta de sua grande privação e sofrimento.

A alimentação possui um significado simbólico para cada sociedade, para cada cultura. É fator de diferenciação cultural, uma vez que a identidade é comunicada pelas pessoas também por meio do alimento, que reflete as preferências, as aversões, identificações e discriminações. A alimentação é também memória, opera no imaginário de cada pessoa, e está associada aos sentidos: odor, visão, sabor e até audição.<sup>130</sup>

A alimentação é a base da vida e a arte de prepará-la, em um ambiente natural inóspito e devemos, no nosso caso, ao povo indígena e este repassou para aqueles que foram chegando. Os europeus quando chegaram ao Brasil, passaram por apuros no aspecto alimentar, pois seus produtos temperados não se desenvolvem no ambiente tropical e o desconhecimento em relação ao novo espaço também dificultava a sobrevivência. Foram amparados de alguma forma pelo povo indígena que foi ensinando ou compartilhando seus hábitos e isto é um elemento fundamental que veio transpassando a cultura local até hoje.

O intenso processo de miscigenação que, conferiu um caráter plural à fisionomia do povo brasileiro, acompanhou a fusão de técnicas culinárias, ingredientes e paladares. Aos poucos, a simplicidade do cardápio indígena, baseado na coleta de peixes e frutas e no consumo da mandioca e seus derivados, misturou-se aos hábitos portugueses que já dominavam o uso do sal, açúcar, especiarias e azeite e, mais tarde, aos sabores e ingredientes peculiares da cultura africana, com suas pimentas e o azeite de dendê.<sup>131</sup>

---

<sup>130</sup> ALVES, 2010, p. 24.

<sup>131</sup> ALVES, 2010, p. 25

Infelizmente perdemos as comunidades tradicionais indígenas na região do delta, pois a ignorância humana ocasionou muitos massacres e extermínios. Porém sua permanência imaterial se transmuta na culinária através dos sabores.

Os índios Tremembés foram os primeiros habitantes dessa região e se concentravam em diversos pontos das costas do Ceará, Piauí e Maranhão. Vestígios arqueológicos e documentos históricos comprovam a presença desse povo desde aproximadamente os séculos XII e XIII até o final do século XVII [...]. O modo de vida da nação Tremembé está arraigado ainda hoje nas comunidades tradicionais de pescadores artesanais da região do Delta que têm como base econômica as atividades de pesca, com ênfase na cata do caranguejo-uçá, o desenvolvimento de uma agricultura itinerante e atividades de extrativismo vegetal.<sup>132</sup>

Esta permanência é notória nos diversos aspectos tradicionais, e até causa a impressão de que ela será eterna. Porém esses hábitos tradicionais podem se perder ou serem desmontados, desabilitados e também transmutados, o que é pior, através de ideologias dominantes estranhas, montadas através da manipulação marqueteira dos diversos meios de divulgação. A alimentação é uma grande vítima e alvo desta ideologia que promove o desmonte e a desqualificação dos alimentos tradicionais em prol de produtos comerciais. Desde a infância, através de programas de TV e outros diversos meios publicitários, as crianças sofrem influência alimentar das grandes redes de fast food estrangeiras.

De fato, o objetivo da publicidade é divulgar produtos com fins comerciais [...] No passado, a publicidade era um recurso de comunicação usado apenas para tornar público o conhecimento de um produto. Hoje, a publicidade, por meio de técnicas de persuasão, chega a estabelecer modelos e padrões estéticos a serem seguidos, alavanca valores ideológicos, reforça fetiches e ideais de felicidade que podem ser adquiridos no mercado. Dotada de emblemas simbólicos, a publicidade passou a fazer parte da cultura, do mundo dos sonhos e da manipulação do consumo.<sup>133</sup>

Valorizar e manter em alta uma cultura alimentar tradicional em meio ao bombardeio de influências externas depende de uma elevada autoestima e de especial atenção para não deixar que as novas gerações esqueçam suas raízes, reforçar e promover movimentos voltados a este fim é muito importante. Podemos citar como exemplo os festivais do caranguejo realizados na região do delta, onde muitos pratos típicos da culinária tradicional são resgatados e apresentados com um formato mais atualizado.

---

<sup>132</sup> ALVES, 2010, p. 20.

<sup>133</sup> CASTRO, 2006, p. 116-117.

A mistura dos elementos afro-indígenas e portugueses e a interação das preferências alimentares maranhenses e piauienses tornaram a culinária do Delta eclética, saborosa e colorida. Peixes, camarões, caranguejos e moluscos podem ser servidos das mais diversas formas, como caldeiradas, mexidos, casquinhas e peixadas com leite de coco. Dos portugueses, foram herdados os ensopados, guisados e os cozidos, aos quais foram acrescentados quiabo, jerimum, batata-doce, cará, inhame, macaxeira e outros componentes conhecidos por negros e índios, que dão sabor e cor especiais à comida. Complementos frequentes dessa cozinha tradicional são representados pela farinha de mandioca, pelo corante extraído do urucum e por temperos como cheiro-verde, cebolinha branca, pimenta-de-cheiro e outras pimentas.<sup>134</sup>

A riqueza de mistura e de cores retrata a vida e a diversidade e estão expressas na alegria, na fisionomia serena, divertida de encarar as dificuldades. Isso pode ser retratado por uma saudação popular dita comumente pelos mais velhos das comunidades tradicionais da zona rural: “você tá bom e gordo?”. O bom é a saúde, a felicidade e a alegria e o gordo é o bem alimentado. É o não estar faltando nada. Tendo estas duas qualidades, basta para estar bem sempre. Parece tão pouco, mas esta é a base da vida para o nosso povo, tudo acontece a partir daqui, o resto é consequência destes dois fatores essenciais.

Para ilustrar, tanto a miscigenação como este sentimento cultural, tentamos abarcar estes dois aspectos tradicionais e os aspectos modernos resultados da luta de resistência contra os elementos daninhos, citando a seguinte imagem e a receita culinária: Torta de caranguejo.<sup>135</sup>

---

<sup>134</sup> ALVES, 2010, p. 25.

<sup>135</sup> ALVES, 2010, p. 113.

**Ingredientes:**

- 1 kg de carne de caranguejo
- 1 cebola média picada
- 1 pimentão pequeno cortado em cubos
- 1 pimenta-de-cheiro inteira
- 2 tomates sem pele e sem sementes cortados em cubos
- ½ xícara (chá) de coentro picado
- ½ xícara (chá) de cebolinha picada
- 600 ml de leite de coco fresco
- 200 ml de sumo de coco
- 8 azeitonas
- 30 ml de azeite de oliva
- ½ colher (chá) de colorau
- 8 ovos
- 12 patolas de caranguejo
- sal a gosto

**Modo de fazer**

Limpe a carne de caranguejo, retirando todas as cartilagens e cascas que ficam durante o processamento. Reserve.

Faça o sumo com a polpa de um coco médio batida no liquidificador com uma xícara de água.

Coe em um pano limpo e esprema bem. Reserve. Para fazer o leite de coco, volte o bagaço para o liquidificador e acrescente 3 xícaras de água, bata novamente para a retirada do leite, repetindo o mesmo processo acima. Reserve.

Aqueça o azeite e o colorau e refogue nele a cebola picada até murchar, sem queimar. Acrescente os tomates, o pimentão, as azeitonas, o cheiro-verde e a pimenta-de-cheiro. Mexa e acrescente um pouco de leite de coco. Deixe ferver, mexendo sempre para que o leite de coco não talhe.

Deixe tomar gosto e acrescente em seguida a carne do caranguejo. Refogue bem, diminua a chama do fogo e coloque o restante do leite de coco e as patolas para cozinharem um pouco e absorver o sabor dos temperos. Tempere com sal.

Separe as claras dos ovos e bata até ficarem em ponto de neve, acrescente as gemas, bata bem e reserve.

Misture o sumo do coco à carne do caranguejo e cozinhe mais um pouco. Acrescente metade do ovo batido e misture bem. Deixe cozinhar um pouco.

Em um pirex, coloque um pouco de azeite, um pouco da mistura de ovo, a carne do caranguejo e cubra com o ovo restante, coloque uma a uma as patolas e decore a gosto. Leve para assar em forno pré-aquecido a 180 C, até que a camada de ovo fique dourada.

**Rendimento: 8 porções.**

Aqui vemos as contribuições dos três grupos étnicos que compõem a população brasileira desde sua origem, num processo de miscigenação rico em saberes que se conjugam e afloram em beleza cultural, numa demonstração de que a luta dos contrários origina um novo aspecto muito mais rico que os primeiros, numa dialética que só pode ser entendida e cujo sabor só pode ser sentido quando provamos.

### 3.3.3 Educação “na” e “para” Sustentabilidade

Esta combinação de termos em sua essência parece até inócua, pois educação que não promova sustentabilidade é vã e sustentabilidade em si abarca saber, ser e estar em harmonia. Porém é preciso salientar que estes dois termos juntos é uma combinação ou uma conjunção de forças para que se fortaleça ainda mais as tentativas de compreensão de que são urgentes as transformações que precisamos fazer.

Educação na Sustentabilidade é resultado da compreensão de que a escola deve ser capaz de trazer valores e propiciar uma formação de base que prepare cidadãos aptos a pensar e construir aquilo que quiserem vir a ser, pautados por um comportamento sustentável – entendendo-se como tal a competência para harmonizar a relação sistêmica-sistêmica-sistêmica da dinâmica individual com as múltiplas dinâmicas dos múltiplos contextos em que nós, indivíduos, necessariamente nos inserimos a cada momento.<sup>136</sup>

A escola deve exercer sua função, em cada época histórica ela é chamada a cumprir seu papel; ela vem se omitindo, alienando ou sendo usada como aparelho ideológico é outra questão. Mas sua verdadeira função é estar sintonizada com os problemas de seu tempo. Segundo Libânio, em entrevista concedida no ano de 1996, são quatro os objetivos para a escola de hoje:

1 – Preparar os alunos para o trabalho e também para as formas alternativas do trabalho; 2 – Proporcionar meios de desenvolvimento de capacidades cognitivas e operativas. Ajudar os alunos nas competências do

---

<sup>136</sup> LOURES, Rodrigo Costa da Rocha. *Sustentabilidade XXI: Educar e inovar sob uma nova consciência*, São Paulo: Editora Gente, 2009. p. 56.

pensar autônomo, crítico e criativo; 3 – Formação para cidadania crítica e participativa; 4 – Formação ética.<sup>137</sup>

Percebemos que, apesar do tempo decorrido de quase 20 anos que o autor discute isto, muitas coisas não mudaram. Vimos que, o primeiro objetivo parece ser o que vem se efetivando mais. O segundo e o terceiro andam a passos lentos. E o quarto objetivo? A formação ética. Este último faz-se necessário principalmente porque ela é um reflexo da própria ação humana. Não dá para desprezar os valores essenciais da vida humana, embora o descaso para com ela seja evidente, mas é por isso também que os apelos por melhorias se fazem emergir de todos os lados. Ética é uma daquelas coisas que muitos negam, mas quando ela falta, os mesmos que negaram são os primeiros a cobrá-la de volta.

Com urgência temos que praticar uma ética universalista, deixar de buscar só o bem estar individual. Praticar uma ética global, planetária, universalista não é fácil. É necessário a promoção desta prática, que só será possível através do desenvolvimento de uma consciência voltada para este fim. É aí que se conjuga educação com sustentabilidade, isto é, a união da consciência com a ação mobilizadora capaz de frear práticas destrutivas eivadas de irracionalidades que vimos praticando como raça humana, dita como racional. A fim de justificar esta conjugação destacaremos algumas propostas que já vêm sendo divulgadas há algum tempo.

Entre 1968 e 1977, vários encontros internacionais deliberaram sobre a condução da temática. Como parte deste movimento surgiu o Programa das Nações Unidas para o meio Ambiente (Pnuma), a recomendação de criação do Programa Internacional de Educação Ambiental (PIEA), e foram delimitados os princípios, as estratégias e as ações orientadas da Educação Ambiental vigentes até os dias atuais, cujos objetivos foram divididos nas seguintes categorias: Consciência, Conhecimento, Atitudes, Habilidades e Participação.<sup>138</sup>

A criação destes programas a partir destes anos já demonstra a importância da combinação educação e meio ambiente, porque já estava evidente a perspectiva que se desenhava para o futuro. A definição desses objetivos marca a trajetória para se implantar a educação ambiental que com a evolução dos debates em torno das

---

<sup>137</sup> PERSPECTIVAS de uma pedagogia emancipadora face às transformações do mundo contemporâneo. Entrevista concedida ao Prof. Nivaldo A. N. David, em Goiânia, em 16 de dezembro de 1997. In: *Revista Pensar e Prática*. Disponível em: <<http://www.revistas.ufg.br/index.php/fef/article/view/8/2613>>. Acesso em: 09 out. 2014.

<sup>138</sup> LOURES, 2009, p. 58.

questões ambientais deu a tonalidade para a Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente e Desenvolvimento (ECO-92) que expandiu a educação para um âmbito do desenvolvimento sustentável integrando assim vários setores humanos.

Para comemorar os 20 anos da “Rio 92”, a “Rio + 20” (Conferência das Nações Unidas sobre Desenvolvimento Sustentável) foi um megaevento organizado pela ONU no Rio de Janeiro, de 13 a 22 de junho de 2012. Segundo Sirio Lopez Velasco, falando sobre esta conferência, enfatiza que no documento “O futuro que queremos” somente uma página (do fim da 48 até o fim da 49, nos parágrafos 229 a 235, na paginação inicial) se referem explicita e diretamente à educação. A primeira constatação que é preciso fazer é que nessa página nunca é usado o termo “educação ambiental”, mas fala-se simplesmente em “educação”.<sup>139</sup> E Velasco diz mais:

É preciso notar que o documento final da “Rio + 20” na sua parte dedicada à educação, não reivindica-reafirma todos os princípios filosófico-pedagógicos da educação ambiental que foram construídos no âmbito das conferências patrocinadas pela ONU desde a realizada em Estocolmo em 1977, e que foram aproveitados na lei brasileira de Política Nacional de EA (PNEA), aprovada em 1999. Lembremos que nessa lei tais princípios são os seguintes:

- I – o enfoque humanista, holístico, democrático e participativo;
- II – a concepção do meio ambiente em sua totalidade, considerando a interdependência entre o meio natural, o sócio-econômico e o cultural, sob o enfoque da sustentabilidade;
- III – o pluralismo de idéias e concepções pedagógicas, na perspectiva da inter, multi e transdisciplinaridade;
- IV – a vinculação entre a ética, a educação, o trabalho e as práticas sociais;
- V – a garantia de continuidade e permanência do processo educativo;
- VI – a permanente avaliação crítica do processo educativo;
- VII – a abordagem articulada das questões ambientais locais, regionais e globais; VIII – o reconhecimento e o respeito à pluralidade e à diversidade individual e cultural.<sup>140</sup>

É de se estranhar porque na “Rio + 20” não tenha se reforçado a Educação Ambiental com elemento importante para a sustentabilidade planetária e para o ecomunitarismo. O que Velasco chama:

<sup>139</sup> VELASCO, Sirio Lopez. Anotações sobre a “Rio + 20” e a educação ambiental ecomunitarista. In: *Rev. Eletrônica Mestr. Educ. Ambient.* ISSN 1517-1256, V. PPGA/FURG-RS. Especial, março, 2013. Disponível em: <<http://www.seer.furg.br/remea/article/view/3442>>. Acesso em: 05 mar. 2015.

<sup>140</sup> VELASCO, 2013.

[...] ordem sócio-ambiental pós-capitalista na qual os seres humanos reconciliam-se entre si para permitir e incentivar solidariamente o desenvolvimento pleno de cada sujeito, e se reconciliam com o restante da natureza, mantendo face a ela uma atitude permanente de preservação e regeneração. Fazem parte do ecomunitarismo: a) uma economia ecológica e solidária sem padrões, pautada pelas “6 R” (refletir para aceitar ou recusar, reduzir o impacto antrópico no planeta, reduzir a quantidade de produtos e resíduos em postura de frugalidade ecomunitarista, reutilizar produtos e resíduos, reciclar produtos e resíduos, e, revolucionar o capitalismo rumo ao ecomunitarismo), uma pedagogia problematizadora ecomunitarista, uma erótica da libertação, uma política de todos, e uma comunicação livre e simétrica.<sup>141</sup>

Não cabe aqui discutir as razões desta não valorização, pois o nosso objetivo é expor algumas propostas que podem ser trabalhadas na escola a partir da educação ambiental. Temos outra proposta importante, a Ecopedagogia, que é um conceito criado pelo educador Francisco Gutiérrez. Ele destaca algumas “chaves” que se complementam em uma holística que favorecem a formação do cidadão ambiental. São elas: “a formação para a vida, o equilíbrio dinâmico, a congruência harmônica, a ética integral, a racionalidade intuitiva e a consciência planetária. Estas são chaves que compõem também as características de uma sociedade sustentável”.<sup>142</sup> Chamam a atenção para que se faça uma revisão da cultura ocidental, para a preservação dos ecossistemas, para a compreensão de que o ser humano é mais um ser no planeta e que deve conviver em harmonia com os outros seres.

Outra proposta de educação para a sustentabilidade é a Alfabetização Ecológica que vem do físico Fritjof Capra. Segundo ele, o princípio da alfabetização ecológica são as comunidades ecológicas. Ele propõe vários princípios que podem ser utilizados como diretrizes para a construção de sociedades humanas sustentáveis. São eles: “o princípio da interdependência, o fluxo cíclico dos recursos, parcerias e o princípio da flexibilidade”.<sup>143</sup>

Ser ecologicamente alfabetizado, ou "eco-alfabetizado", significa entender os princípios de organização das comunidades ecológicas (ecossistemas) e usar esses princípios para criar comunidades humanas sustentáveis. Precisamos revitalizar nossas comunidades — inclusive nossas comunidades educativas, comerciais e políticas — de modo que os

---

<sup>141</sup> VELASCO, 2013.

<sup>142</sup> ROCHA, 2009, p. 61.

<sup>143</sup> ROCHA, 2009, p. 62.

princípios da ecologia se manifestem nelas como princípios de educação, de administração e de política.<sup>144</sup>

Outra proposta que está disponível para fundamentar a educação contemporânea atualmente foi pensada pelo francês Edgar Morin. Ele

Sugere uma revisão das práticas pedagógicas atuais e reafirma princípios considerados básicos para a Educação Ambiental por meio de sete saberes norteadores para o futuro. São eles: a cegueira do conhecimento, o conhecimento pertinente, a identidade humana, a compreensão humana, a identidade terrena, a incerteza e a antropológica.<sup>145</sup>

Morin chama a atenção para a necessidade de compreender a essência e origem dos processos de construção do conhecimento e que a educação deve buscar identificar a origem dos erros nesse processo. Que os conhecimentos assimilados devem ser aplicados em questões locais e globais e que o ensino fragmentado impede a capacidade natural que temos de contextualizar e ainda que o modelo de ensino atual deva ser substituído por um modelo capaz de apreender os objetos em seu contexto. A educação para ele deve ter como foco central o ser humano, desenvolvendo uma mútua compreensão entre os seres humanos em oposição à sociedade individualista que prega o egoísmo e o egocentrismo e um tremendo desprezo pelo próximo. É preciso promover uma identidade planetária partindo do estudo da história da humanidade analisando seus aspectos evolutivos. É necessário o ensino de princípios estratégicos que permitam enfrentar as incertezas e que a educação nos ajude a ter consciência de que somos indivíduos e que fazemos parte de uma sociedade, mas que devemos ter nossas responsabilidades pessoais e que compartilhamos de um destino comum.

Tendo em vista as várias discussões e propostas, a UNESCO publicou em 1999 um relatório para a Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI. O documento propõe uma educação voltada para os cinco tipos ou cinco pilares fundamentais da aprendizagem que são: “aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a conviver com o outro, aprender a aprender, aprender a ser”<sup>146</sup>. Neste ano 2014, estamos vivenciando o último ano da Década das Nações Unidas da

---

<sup>144</sup> CAPRA, Fritjof. *A teia da Vida*. Disponível em: <<http://pt.slideshare.net/leorcp/fritjof-capra-a-teia-da-vida-pdf-24458538>>. Acesso em: 30 out. 2014. p. 218.

<sup>145</sup> ROCHA, 2009, p. 62-63.

<sup>146</sup> ROCHA, 2009, p. 65.

Educação para o Desenvolvimento Sustentável, estabelecida entre 2005 e 2014 na Assembleia Geral da ONU de 2002.

O objetivo foi integrar os princípios, os valores e as práticas de desenvolvimento sustentável a todos os aspectos da educação, de forma a encorajar mudanças de comportamento que criem um futuro sustentável em termos de integridade ambiental, viabilidade econômica e justiça social para as gerações presentes e futuras.<sup>147</sup>

A UNESCO tenta abarcar as principais áreas da vida humana atual, sociedade, meio ambiente e economia destacando principalmente a questão dos valores, sendo o respeito uma questão central. E define com clareza que:

A educação para o futuro sustentável significa incluir questões-chave sobre o desenvolvimento sustentável no ensino e na aprendizagem, por exemplo, mudança climática, redução de riscos de desastres, biodiversidade, redução da pobreza e consumo sustentável. Também requer métodos participativos de ensino e aprendizagem para motivar e empoderar alunos a mudar seus comportamentos e tomar atitude em favor do desenvolvimento sustentável. A Educação para o Desenvolvimento sustentável promove competências como pensamento crítico, reflexão sobre cenários futuros e tomadas de decisão de forma colaborativa.<sup>148</sup>

Outra grande contribuição foi a elaboração do documento que é considerado como base na proposta de educação na sustentabilidade, a Carta da Terra. Elaborada com a participação de mais de 100 mil pessoas de 46 nações, é reconhecida como “Código Ético Planetário” pelas Nações Unidas em 2000. “A carta da terra está fundamentada em dezesseis princípios, organizados em quatro dimensões: Respeitar e cuidar da comunidade da vida, Integridade ecológica, Justiça social e econômica, Democracia, Não violência e Paz”.<sup>149</sup> Estes princípios buscam englobar todos os aspectos da vida terráquea. Porém destacamos como urgente, para engatar e fazer a engrenagem andar as questões da educação.

Na perspectiva da educação, a Carta da Terra reforça o conceito de Ecopedagogia, cuja finalidade é “reeducar o olhar das pessoas”. Há a consciência de que pertencemos a uma mesma comunidade da vida, na qual é preciso desenvolver a solidariedade e a cidadania planetárias. E a

---

<sup>147</sup> ROCHA, 2009, p. 66.

<sup>148</sup> *EDUCAÇÃO para o desenvolvimento sustentável no brasil*. Disponível em: <<http://www.unesco.org/new/pt/brasilia/natural-sciences/education-for-sustainable-development/#c155001>>. Acesso em: 15 out. 2014.

<sup>149</sup> ROCHA, 2009, p. 68.

educação voltada para a cidadania planetária busca a convivência harmônica entre os seres humanos e a natureza.<sup>150</sup>

Buscar esta reeducação do olhar é que é o grande desafio. Isso requer uma desconstrução de aspectos culturais contrários e a formação de novos valores favoráveis à sustentabilidade. Requer um duplo trabalho, um desfazer fazendo, e não fazer o velho de novo, mas um novo desconhecido. Isso requer também uma capacidade que foge do viés científico convencional, que é a capacidade de sentir-se como parte integradora do macrocosmo. Quando isso ocorrer a sustentabilidade estará acontecendo para o bem da terra e das comunidades humanas. Na prática isso exige do indivíduo a capacidade de perceber no seu ato de consumo diário a preocupação, a análise e a percepção em relação: a origem do produto, ao processamento, aos ingredientes, aos danos à saúde, à necessária utilização e não à futilidade, ao impacto final dos resíduos, enfim, que o indivíduo tenha desenvolvido estes cuidados mínimos e que tenha a preocupação de perceber que seus atos, somados aos de tantos outros, podem ser menos danosos e até revertidos através de novas escolhas e de novas práticas. Que isso possibilite o aumento da agricultura orgânica, o surgimento e uso de novas fontes de energia, novas formas de embalagem de produtos e etc. Que seja valorizado aquilo que é essencial e não aquilo que a futilidade humana vem criando.

---

<sup>150</sup> ROCHA, 2009, p. 69.

## CONCLUSÃO

O assunto pesquisado de modo algum pode ser conclusivo, pois o que buscamos fazer foi somente uma reflexão sobre uma parcela ínfima de um grande contexto que nos envolve em escala planetária. Contudo, após análise do referencial teórico composto por livros, revistas, materiais de fonte eletrônica, vídeos e documentários detectamos que uma das possibilidades de cada indivíduo contribuir para manter a sustentabilidade da espécie humana no planeta é através de sua prática diária de consumo. E que esta prática que é, ao mesmo tempo, a que mais causa insustentabilidade, denominada de consumismo, também pode ser revertida para manter a sustentabilidade, através do consumo ético. Chegamos a esta aceitação após refletir e duvidar muito se ainda há possibilidade de mantermos o planeta dentro de seu nível de equilíbrio.

Analisando os documentos bibliográficos e os comportamentos dos indivíduos no cotidiano, observamos que a sociedade atual vive um jogo de antagonismos, um jogo de proposições contraditórias, numa luta destrutiva de si, de todos e de sua sustentabilidade no planeta. Vimos que isto está expresso em todo ato consumista, e que o consumismo é forjado, fabricado e mantido para ser assim, contraditório, autodestrutivo, exagerado.

Observamos ainda que é inevitável viver sem consumir. O consumo é uma prática de sobrevivência para todo ser vivo. Pois isso, destacamos que, se isso é inevitável, isto também é capaz de ser benéfico, se assim não fosse, não seria esta sua natureza. Por esta razão, optamos em aceitar o consumo como uma possibilidade para manter a sustentabilidade. Só que este consumo tem que se portar a partir de um jogo de proposições contrárias, pois na luta dos contrários haverá sempre desenvolvimento, permanência, equilíbrio e harmonia. E para que isto seja possível propomos que este consumo seja consciente, pautado em princípios éticos e estabelecido através de uma educação ambiental que adote estes princípios com este objetivo.

Analisamos a cadeia produtiva o caranguejo como um exercício de percepção para testarmos estes conceitos e reforçar a ideia de que é urgente a necessidade de valorizar, resgatar e implantar nos sistemas de ensino os saberes

tradicionais locais. Combater as influências danosas deste sistema consumista que fabrica e gera danos para depois oferecer as soluções como se fosse um salvador.

Por fim, destacamos algumas propostas da Educação Ambiental como fundamentais para embasar a ação de práticas educativas que visem à sustentabilidade e que podem ser trabalhadas em qualquer área de ensino praticada na escola.

Apostamos na conscientização da sociedade, na organização dos trabalhadores, mas também nos processos educativos da Educação Ambiental como caminho para a mudança e melhoria dessa situação. O respeito à vida e ao meio ambiente nos dias de hoje não é opção; é necessidade imperiosa e diz respeito ao futuro da terra e da humanidade.

## REFERÊNCIAS

- ALVES, Maria da Conceição Araújo. Sabores do Delta: as tradições e as espécies capturadas pela pesca artesanal do Delta do Rio Parnaíba. In: LEGAT, Jéfferson Francisco Alves (Org.). *Teresina*: Embrapa Meio-Norte, 2010.
- ARRANJOS Produtivos Locais e Desenvolvimento – BNDES. Disponível em: <[http://www.bndes.gov.br/SiteBNDES/export/sites/default/bndes\\_pt/Galerias/Arquivos/conhecimento/seminario/apl.pdf](http://www.bndes.gov.br/SiteBNDES/export/sites/default/bndes_pt/Galerias/Arquivos/conhecimento/seminario/apl.pdf)>. Acesso em: 03 jun. 2014.
- ASSAD, Luis Tadeu. *Industrialização do caranguejo-uçá do Delta do Parnaíba*. Brasília: Codevasf, IABS, 2012.
- BARBOSA, A. G. P. et al. A importância do turismo na vida dos caranguejeiros no município de Parnaíba PI. Seminário Internacional de Turismo Sustentável, Anais 2, Fortaleza/CE, maio/2008.
- BARSA, Encyclopaedia Britannica Editores Ltda, vol 5, Rio de Janeiro, 2009.
- BAUMAN, Zygmunt, 1925 – *Vida para consumo: a transformação das pessoas em mercadoria*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2008.
- \_\_\_\_\_. 1925 – *Vida líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2007.
- \_\_\_\_\_. *A Cultura no mundo líquido moderno*. 1ª ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.
- \_\_\_\_\_. *Europa: uma aventura inacabada*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006.
- \_\_\_\_\_. *Globalização: as consequências humanas*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1999.
- \_\_\_\_\_. *Vida para consumo: a transformação das pessoas em mercadoria*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2008.
- BOFF, Leonardo. *Sustentabilidade: o que é: o que não é*. Petrópolis: Vozes, 2012.
- CAPRA, Fritjof. *A teia da Vida*. Disponível em: <<http://pt.slideshare.net/leorcp/fritjof-capra-a-teia-da-vida-pdf-24458538>>. Acesso em: 30 out. 2014.
- CARANGUEJO-UÇA: período de defeso durante o evento reprodutivo. Disponível em: <<http://www.infoteca.cnptia.embrapa.br/simple-search?query=caranguejo>>. Acesso em: 25 set. 2014.
- CARLOS, Ana Fani Alexandri. *O lugar no/do mundo*. São Paulo: Hucitec, 1996.
- CASTRO, Josué. *Homens e Caranguejos*. São Paulo: Brasiliense, 1967.
- CIRNE-LIMA, C. *Dialética para principiantes*. Porto Alegre: Eupucrs, 1997.

CÓDIGO De DEFESA DO CONSUMIDOR. Lei nº 8.078, de 11 de setembro de 1990. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/L8078.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L8078.htm)>. Acesso em: 04 jun. 2014.

COMPOSTO, Claudia. *Acumulación por despojo y neoextractivismo en América Latina. Una reflexión crítica acerca del estado y los movimientos sócio-ambientales en el nuevo siglo*. Disponível em: <<http://revistas.unc.edu.ar/index.php/astrolabio/article/view/767>>. Acesso em: 06 nov. 2014.

DIA de Campo na TV - Sustentabilidade da pesca do caranguejo-uçá: parte1. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=cGkT5y2LWy8>>. Acesso em: 29 jul. 2014.

DIÓGENES, Laértios. *Vidas e Doutrinas dos filósofos ilustres*. Tradução do grego, introdução e notas: Mário da Gama. 2. ed., reimpressão. Brasília: Ed. UNB, 2008.

EDUCAÇÃO *para o desenvolvimento sustentável no brasil*. Disponível em: <<http://www.unesco.org/new/pt/brasil/natural-sciences/education-for-sustainable-development/#c155001>>. Acesso em: 15 out. 2014.

ENCONTRO com Milton Santos – *O mundo Global visto do lado de cá*. Direção Silvio Tendler. Brasil 2006. Duração 89 min. Disponível em: <[http://www.youtube.com/watch?v=UUB5DW\\_mnM&hd=1](http://www.youtube.com/watch?v=UUB5DW_mnM&hd=1)>. Acesso em: 27 jan. 2014.

ENGENHEIROS DO HAWAII. *3ª do Plural*. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=tVQu5CZeE8M>>. Acesso em: 24 nov. 2014.

ESTUDOS Direcionados ao Extrativismo do Caranguejo-uçá na Área de Proteção Ambiental do Delta do Rio Parnaíba. Disponível em: <[www4.icmbio.gov.br/cepene/download.php?id\\_download=450](http://www4.icmbio.gov.br/cepene/download.php?id_download=450)>. Acesso em: 30 jul. 2014.

EUROPA *constrói muros para barrar imigrantes*. Disponível em: <<http://www.estadao.com.br/noticias/impresso,663844,0.htm>>. Acesso em: 15 fev. 2014.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Mini Aurélio: o dicionário da língua portuguesa*. 8. ed. Curitiba: Positivo, 2010.

FRETEL, Alfonso Cotera; SIMONCELLI-BOURQUE, Eloïse. *O comércio justo e o consumo ético*. Rio de Janeiro: DP&A; Fase, 2003.

GENTILI, Pablo; SILVA, Tomaz Tadeu da (Orgs.). *Neoliberalismo, qualidade total na Educação*. 6º ed. Petrópolis: Vozes, 1998.

GRECIA, *Itália e Espanha tem pedidos de asilo reduzidos pela metade em 5 anos*. Disponível em: <<http://operamundi.uol.com.br/conteudo/reportagens/33932>>. Acesso em: 14 fev. 2014.

GUZZI, Anderson (Org.). *Biodiversidade do Delta do Parnaíba: litoral piauiense*. Parnaíba: EDUFPI, 2012. (Prefácio).

INSTRUÇÃO normativa interministerial nº 1, de 13 de janeiro de 2011 a ministra de estado da pesca e aquicultura e a ministra de estado do meio ambiente. DOU sessão 01 de 14/01/2011.

LEFF, Enrique. *Ecologia, capital e cultura: racionalidade ambiental, democracia participativa e desenvolvimento sustentável*. Tradução de Jorge Esteves da Silva. Blumenau: Ed. da FURB, 2000.

\_\_\_\_\_. *Saber ambiental: sustentabilidade, racionalidade, complexidade, poder*. Petrópolis: Vozes, 2001.

LEGAT, Angela Puchnick [et al.]. *Caranguejo-uçá: métodos para captura, estocagem e transporte*. Teresina: Embrapa Meio-Norte, 2006.

LOUETTE, Anne (Org.). *Gestão do Conhecimento*. Compêndio para a sustentabilidade: ferramentas de gestão de responsabilidade socioambiental. São Paulo: Antakarana Cultura Arte e Ciência, 2007.

LOURES, Rodrigo Costa da Rocha. *Sustentabilidade XXI: Educar e inovar sob uma nova consciência*, São Paulo: Editora Gente, 2009.

OLIVEIRA, Manfredo Araújo de. *Desafios Éticos da Globalização*. São Paulo: Paulinas 2001.

PERFIL Sócio-econômico do Catador. Disponível em: <<http://www.infoteca.cnptia.embrapa.br/bitstream/doc/68104/1/perfilcatador.pdf>>. Acesso em: 30 jul. 2014.

PERSPECTIVAS de uma pedagogia emancipadora face às transformações do mundo contemporâneo. Entrevista concedida ao Prof. Nivaldo A. N. David, em Goiânia, em 16 de dezembro de 1997. In: *Revista Pensar e Prática*. Disponível em: <<http://www.revistas.ufg.br/index.php/fef/article/view/8/2613>>. Acesso em: 09 out. 2014.

PINHEIRO, André. A Dimensão Social do Canavial na Poesia de João Cabral de Melo Neto. In: *Revista Eletrônica de Estudos Literários (REEL)*. Vitória, s. 2, ano 7, n. 8, 2011. Disponível em: <<http://periodicos.ufes.br/reel/article/view/3684>>. Acesso em: 29 abr. 2014.

RELATÓRIO Brundtland. Disponível em: <<http://www.onu.org.br/a-onu-em-acao/a-onu-e-o-meio-ambiente/>>. Acesso em: 25 nov. 2014.

SANTOS, Milton. *Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal*. São Paulo: Record, 2000.

SARTRE, Jean-Paul. *O ser e o nada – Ensaio de Ontologia fenomenológica*. Petrópolis: Vozes, 1997.

SILVA, Edson Vicente; RODRÍGUEZ, José M. Mateo. *Desenvolvimento local sustentável*. (Mimeo.). Fortaleza, 2001.

STAHEL, Andri Werner. Capitalismo e entropia: os aspectos ideológicos de uma contradição e uma busca de alternativas sustentáveis. In: CAVALCANTI, Clóvis (Org.). *Desenvolvimento e natureza: estudos para uma sociedade sustentável*. São Paulo, Cortez, 1995.

TRABALHO *Interno* (INSIDE JOB). Direção: Charles Ferguson, Roteiro: Adam Bolt, Chad Beck. Produção: Audrey Marrs, Charles Ferguson; Fotografia: Kalyanee Mam, Svetlana Cvetko; Trilha Sonora: Alex Heffes, EUA, 2010. 109 min.

TRIBO DE JAH. *Abismo do Consumismo*. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=QCUrliTDqio>>. Acesso em: 23 nov. 2014.

UÇA - Mangues do Piauí/ Parte 1. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=uvZXxn8HZPM>>. Acesso em: 20 jul. 2014.

VEIGA, José Eli da. *Sustentabilidade: a legitimidade de um novo valor*. São Paulo: Ed. Senac São Paulo, 2010.

VELASCO, Sirio Lopez. Anotações sobre a “Rio + 20” e a educação ambiental ecomunitarista. In: *Rev. Eletrônica Mestr. Educ. Ambient.* ISSN 1517-1256, V. PPGEA/FURG-RS. Especial, março, 2013. Disponível em: <<http://www.seer.furg.br/remea/article/view/3442>>. Acesso em: 05 mar. 2015.

VINTE *Países europeus terão protestos na quarta-feira*. Disponível em: <[www.ebc.com.br/noticias/internacional/2012/11/](http://www.ebc.com.br/noticias/internacional/2012/11/)>. Acesso em: 18 fev. 2014.